

24 de Abril 2017
Segunda-Feira
Semanário - Ano 2
Nº 56 / kz 400
Director-Geral
Evaristo Mulaza

EM CAUSA SUPOSTAS "DIVERGÊNCIAS METODOLÓGICAS"

Ministro proíbe publicação de Contas Nacionais

EXCLUSIVO. Uma semana após o VALOR ter noticiado o atraso na divulgação das Contas Nacionais, referentes ao quarto trimestre de 2016, fonte ministerial garante que foi o ministro do Planeamento, Job Graça, que proibiu a apresentação pública dos dados. Em causa, supostas "divergências metodológicas", mas a fonte do jornal fala em receios do governante, face ao "contexto político".

- ▶ PIB do IV trimestre de 2016 recuou 4,5%, em termos homólogos
- ▶ Actividade petrolífera quedou 6,6%



Job Graça,
ministro do
Planeamento e
Desenvolvimento
Territorial

Desvalorização da moeda nacional fora de hipótese

Receios associados a um eventual descontrolo da inflação, com consequências na depreciação dos rendimentos das famílias, levaram o ministro das Finanças a descartar, em Washington, qualquer possibilidade de nova desvalorização do kwanza. Pág.16



CELESTE DE BRITO, PCA DO NATRABANK

"Com ouro suficiente no BNA, kwanza pode valer mais que o dólar"

Uma nova instituição bancária começa a operar, a partir desta segunda-feira. Chama-se Banco Africano de Recursos Naturais, ou simplesmente Natrabank, e a sua presidente, Celeste de Brito, explica, em exclusivo, as motivações de fundo do negócio. Págs. 10 a 12

Moedas AKZ USD 166,7 Kz (+0) ▲ EUR 177,94 Kz (+1,34) ▲ LIBRA 211,26 kz (+4,09) ▲ YUAN 24,2 kz (+0,1) ▲ RAND 12,48 kz (+0,43) ▲



DIGITOS & NÚMEROS

Contabilidade & Consultoria Fiscal

Tel: +244 945 766 958 e-mail: digitos.numeros@gmail.com

Descarregue a App

Visite o website: www.valoreconomico.co.ao



CONTAS OCULTAS

Os factos espelhados no texto que suporta o tema principal deste número atentam contra a paciência colectiva, porque, ao revelarem a forma descarada como muitas vezes os governantes gerem interesses do Estado, ultrapassam vergonhosamente os limites do tolerável. Trata-se de mais uma daquelas histórias que se anexam aos arquivos da irresponsabilidade com que se tomam assuntos sérios do país.

Asseguram fontes do VALOR que as Contas Nacionais, referentes ao quarto trimestre de 2016, continuam no segredo de meia dúzia de indivíduos, porque o ministro do Planeamento e do Desenvolvimento Territorial (MPDT), que tutela o Instituto Nacional de Estatística (INE), não concorda com os métodos utilizados pelo INE. Logo, aqui colocam-se as primeiras impressões de estranheza. Basta se considerarem os factos. O INE é tutelado pelo MPDT e, nos últimos anos, tem realizado vários estudos com base em padrões 'normatizados' por instituições internacionais de referência, nomeadamente o Fundo Monetário Internacional (FMI). As Contas Nacionais provisórias de 2014 e as Contas Nacionais preliminares de 2015, apresentadas em Fevereiro, foram elaboradas já ten-

do como referência os manuais recomendados pelo FMI, que presta assessoria ao INE. Isto significa, à partida, que, ao permitir a divulgação de estudos anteriores feitos à moda FMI, o ministro do Planeamento admitia que os padrões metodológicos do Fundo serviam necessariamente para a análise dos nossos processos económicos. Essa explicação é mais do que esclarecedora para se aferir a ambiguidade do pretensão 'conflito metodológico' entre o INE e o MPDT.

O que parece fazer mais sentido, por isso, é a hipótese avançada pela fonte do VE que levanta possíveis receios de natureza política, face à sensibilidade do contexto que inclui a eleição de um novo governo em Agosto. Com base nessa teoria, cogita-se que o governante terá possivelmente dúvidas quanto à oportunidade de assumir factos negativos sobre o desempenho da economia, que podem ter

alguma relevância no processo político actual, desfavorecendo o discurso de campanha do partido que governa. Os dados que se pretendem vetados ao público, como mostra o exclusivo do VALOR, afinal estão longe de ser animadores. Com o destaque natural para o mau desempenho do Produto Interno Bruto no quarto trimestre de 2016, que, em termos homólogos, registou um recuo de 4,5%.

Acontece que manobras como essas podem 'propiciar', a prazo, benefícios circunstanciais de pessoas e grupos, mas comprometem em toda a dimensão interesses, de fundo, do Estado. Há exemplos de sobra quanto à gravidade das consequências para os países, quando entidades oficiais decidem ocultar ou manipular dados e factos económicos. Nesse caso concreto das Contas Nacionais, coloca-se o agravante de ser um processo já dominado por instituições internacionais, com a dimensão do FMI, que, em tese, são as que, nos circuitos internacionais, decidem quem deve ser 'protegido' e quem deve ser castigado. E, não menos importante, é a do próprio INE que acaba colocada legitimamente em causa, quando, em nome da batota política, se vê confrontada com o risco de deitar para o lixo os trabalhos fundamentais que justifica a sua existência: as Contas Nacionais.



FICHA TÉCNICA

Director-Geral:

Evaristo Mulaza

Directora-Geral Adjunta:

Geralda Embaló

Editor Executivo: António Nogueira

Editor gráfico: Pedro de Oliveira

Redacção: António Miguel, Isabel Dinis, José Zangui, Mateus da Graça Filho, Nelson Rodrigues e Valdimiro Dias

Secretária de redacção: Rosa Ngola

Fotografia: Manuel Tomás, Mário Mujetes e Santos Samuessa

Paginação: Francisco de Oliveira, João Vumbi e Edvandro Malungo

Revisores: Edno Pimentel, Evaristo Mulaza e Geralda Embaló

Colaboradores: Cândido Mendes

Produção gráfica: Notiforma SA

Propriedade e Distribuição: GEM Angola Global Media, Lda

Tiragem: 4.000 **Nº de Registo do MCS:** 765/B/15

GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA

Administração: Geralda Embaló e Evaristo Mulaza

Assistente administrativa: Mariquinha Rego

Departamento administrativo: Jessy Ferrão e Nelson Manuel

Departamento comercial: Arieth Lopes e Geovana Fernandes
comercial@gem.co.ao,

Tel.: +244 941 78 47 90-(1)-(2)

Nº de contribuinte: 5401180721;

Nº de registo estatístico: 92/82 de 18/10/82

Endereço: Rua Fernão Mendes Pinto, nº 35, Alvalade,

Luanda/Angola, Telefones: +244 222 32 05 10 /

222 32 05 11 Fax: 222 32 05 14

Email: administracao@gem.co.ao

A semana

3 PERGUNTAS A...



José de Matos,
PCE da Emis

A Emis assinalou recentemente 15 anos de existência. Qual é o balanço que faz do desempenho da empresa durante este período?

Houve uma evolução significativa de adesão aos serviços de pagamento electrónico, embora tenha havido uma ligeira quebra no segmento de cartões válidos ao registar, no ano passado, 4.563 milhões, quando em 2015 esta cifra foi de 4.736 milhões de cartões.

A quantidade de terminais de pagamentos, os chamados ATM, colocados à disposição do público, até ao ano passado, tem correspondido à procura?

Nos dois últimos anos, em relação aos ATM da caixa automática, houve uma evolução. Em 2015, estavam instalados 2.776 terminais e, em 2016, esta cifra aumentou para 2.911 servidores. Por sua vez, os Terminais de Pagamento Automático (TPA) passaram de 61.49, em 2015, para 67.496, em 2016.

Que números pode avançar em relação às transacções em ATM, até ao ano passado?

As transacções em ATM registaram uma subida de 204.918 milhões para 227.452 milhões de kwanzas. Quanto ao valor dispensado pelos ATM, passou de cerca de 1.113 milhões, em 2015, para 1,4 mil milhões de kwanzas, no ano passado.

18 TERÇA - FEIRA
O ministro das Finanças, Archer Manguera, manteve, terça-feira, em Washington (EUA), encontros com o vice-presidente do Banco Mundial para África e com o director do departamento africano do FMI, Mahktar Diop e Abebe Selassie. Os encontros enquadram-se no cumprimento da agenda da delegação angolana.

19 QUARTA - FEIRA
Operadores económicos de Cabinda e Zaire foram exortados para a necessidade do cumprimento das obrigações fiscais, desde o cadastro na AGT, pagamento dos impostos e outras obrigações declarativas. O apelo foi feito pelo vice-governador Romão Macário Lembe.

20 QUINTA - FEIRA
Os jovens da Lunda-Sul, interessados em ser empreendedores, foram incentivados a encaminhar os seus projectos ao INAPEM, para aderirem ao crédito "Projovem". Um apelo lançado pelo director provincial da Juventude e Desportos, Luís Aníbal Janota.



17

SEGUNDA-FEIRA

Três turbinas da General Electric, com capacidade para gerar 85 mega watts, estão a ser instaladas na subestação da Quileva. De acordo com o governador de Benguela, Isaac Maria dos Anjos, que realizou uma visita de constatação no local, os assentamentos estão concluídos em 90%.

21 SEXTA - FEIRA
O Presidente da República, José Eduardo dos Santos, nas vestes de líder do MPLA, afirmou, em Luanda, que, na actual situação económica e financeira do país, se tem dado particular atenção ao controlo da inflação e à estabilização das reservas internacionais líquidas.



15 SÁBADO
A Direcção do Comércio, Hotelaria e Turismo do Huambo anunciou que está a procurar soluções com os empresários para reabrir os estabelecimentos, encerrados desde o ano passado. Quinze empreendimentos deixaram de funcionar, por dificuldades no acesso a divisas.



16 DOMINGO
O Banco Nacional de Angola vendeu, no período de 10 a 13 deste mês, 96,7 milhões de euros (equivalente a 108,0 milhões de dólares) ao mercado financeiro, para a cobertura de diversas operações, com destaque para o sector petrolífero, com um valor de 53,7 milhões de euros.



COTAÇÃO



ELEIÇÕES EM FRANÇA DEIXAM MERCADOS RECEOSOS

A proximidade das eleições francesas e os receios de que o ataque terrorista em Paris tenha afectado os resultados assombrou as principais bolsas mundiais. Os investidores retraíram-se, preocupados com uma vitória da nacionalista Marie Le Pen, que prometeu a saída da zona euro, cenário que daria o fim da União Europeia com ondas de choque imprevisíveis para o sistema financeiro mundial.

PSI20 E PETRÓLEO EM BAIXA

O índice português, PSI20, acompanhou a tendência negativa dos mercados mundiais e fechou no vermelho. Com apenas três dos 19 títulos que o compõem em terreno positivo, sendo um destes o banco Millennium BCP com uma valorização de 0,27%, o PSI20 desvalorizou 0,62%. O petróleo também perdeu terreno, com o americano a baixar a fronteira dos 50 USD por barril e o Brent a fechar abaixo dos 52 USD por barril.

Economia/Política

EM CAUSA SUPOSTA DIVERGÊNCIA DE MÉTODOS

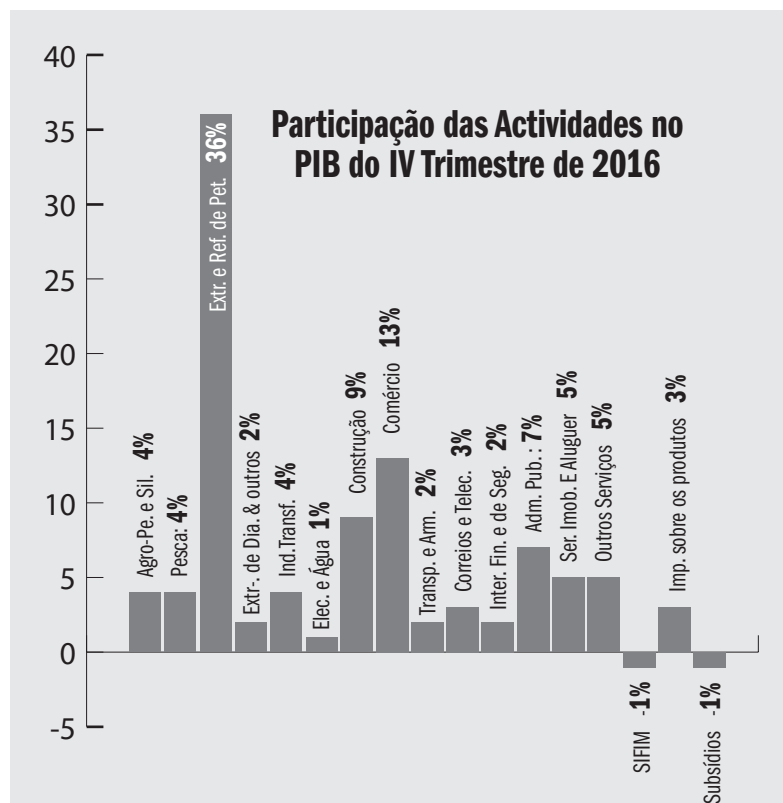
Ministro ‘trava’ publicação das Contas Nacionais

ESTATÍSTICA. Após notícia do VALOR da última semana que indicava atraso na publicação das Contas Nacionais do quarto trimestre de 2016, fonte ministerial garante que divulgação oficial dos dados está dependente do ministro Job Graça.

Por António Nogueira

O ministro do Planeamento e do Desenvolvimento Territorial (MPDT), Job Graça, é apontado como a figura que está na origem do atraso da publicação das Contas Nacionais, referentes ao quarto trimestre de 2016, levando à violação do calendário apresentado em Fevereiro último pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), tutelado precisamente pelo MPDT.

Uma fonte ligada a um gabinete de planeamento e estatística ministerial disse, sob anonimato, ao VALOR, que a proibição do ministro ocorreu durante uma reunião recente do Conselho Nacional de Estatística (CNEST) que, entre outros temas, previa a aprovação das Contas Nacionais do último trimestre do ano passado, elaboradas pelo INE. Job Graça terá interrompido a apresentação dos



dados das Contas Nacionais, alegando razões metodológicas, com o argumento de que a metodologia usada pelo INE “estava errada”.

Segundo esclarece a fonte do VALOR, Job Graça é defensor de

um modelo criado por altura de então ministra Ana Dias Lourenço, conhecido como MODANG, considerado, entretanto, desactualizado pela generalidade dos especialistas, por assentar essencialmente



Mário Mujetes © AE

em projecções sobre o desempenho de variáveis macroeconómicas. Contrariamente, o Instituto Nacional de Estatística usa os manuais do Fundo Monetário Internacional (FMI), instituição que assessora a elaboração dos estudos do INE e que já terá validado tecnicamente as Contas Nacionais do quarto trimestre de 2016.

Um especialista internacional em estatística explica que a dife-

rença essencial entre o modelo angolano e os métodos recomendados pelo FMI está no facto de o primeiro basear-se em projecções, ao passo que o segundo “representa uma fotografia, ou seja, mostra os factos de um exercício económico já ocorrido”. Essa diferença, como avança a fonte do jornal, terá levado a que as Contas Nacionais elaboradas pelo INE apresentassem números que, pelo

CERCA DE 132,9 MIL MILHÕES DE KWANZAS foram arrecadados em Março deste ano, com a exportação de 47,4 milhões barris de petróleo, indica um relatório do Ministério das Finanças, divulgado na semana passada.



O COORDENADOR interino do Gabinete de Programa Internacional de Informação dos dos EUA, Jonathan Henick, defendeu que a intensificação das relações entre Angola e EUA vai priorizar os jovens empreendedores.



MEMORIZE

● O Instituto Nacional de Estatística usa os manuais do Fundo Monetário Internacional (FMI), instituição que assessoria a elaboração dos estudos do INE e que já terá validado tecnicamente as Contas Nacionais do quarto trimestre de 2016.

4,5%

É quanto recuou o Produto Interno Bruto durante o quarto trimestre de 2016, comparativamente ao período homólogo do ano anterior.

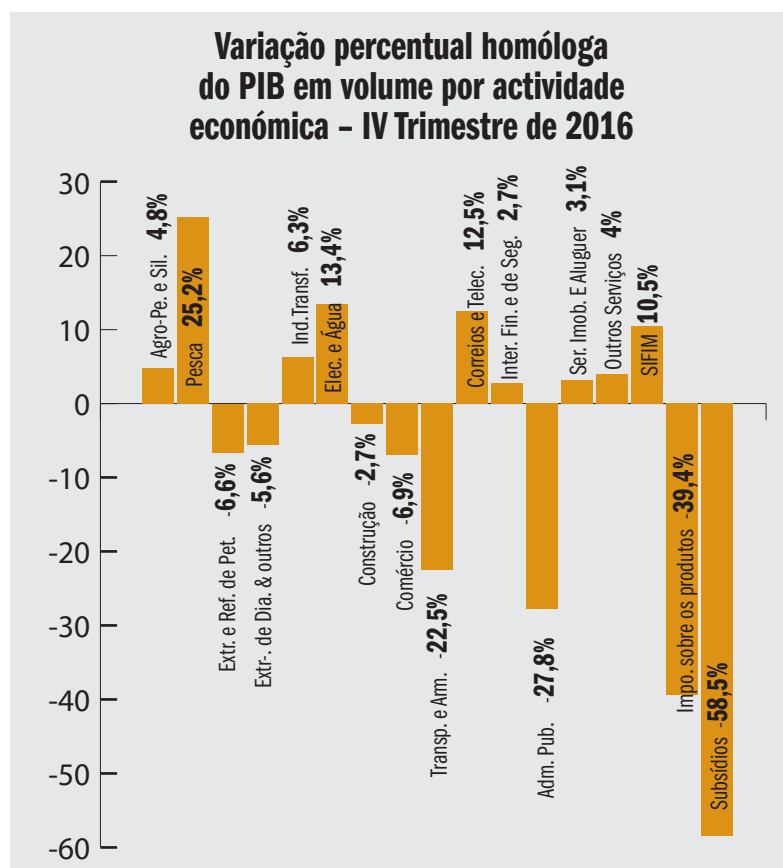
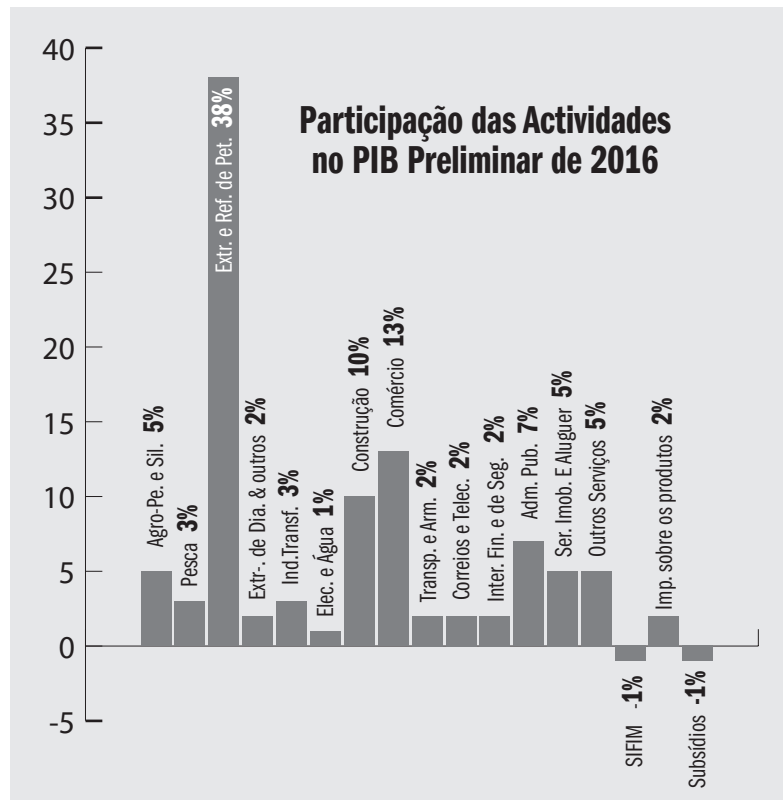
6,6

Por cento é o recuo assinalado na actividade de exploração e refinação de petróleo e gás, no PIB, no período em análise.

25

Por cento é o registo alcançado pelo sector das pescas no PIB, no quarto trimestre de 2016, representando o maior salto verificado no período.

contrate com as eventuais projecções do governante, desagradaram ao ministro, alegadamente “preocupado” com o contexto político. “Essa é seguramente a questão fundamental, a estatística não mostra aquilo que se quer, mas sim os factos dentro de padrões e métodos convencionados por instituições”, explica a fonte, que acredita que “o ministro deseja ver uma fotografia melhor, face ao momento



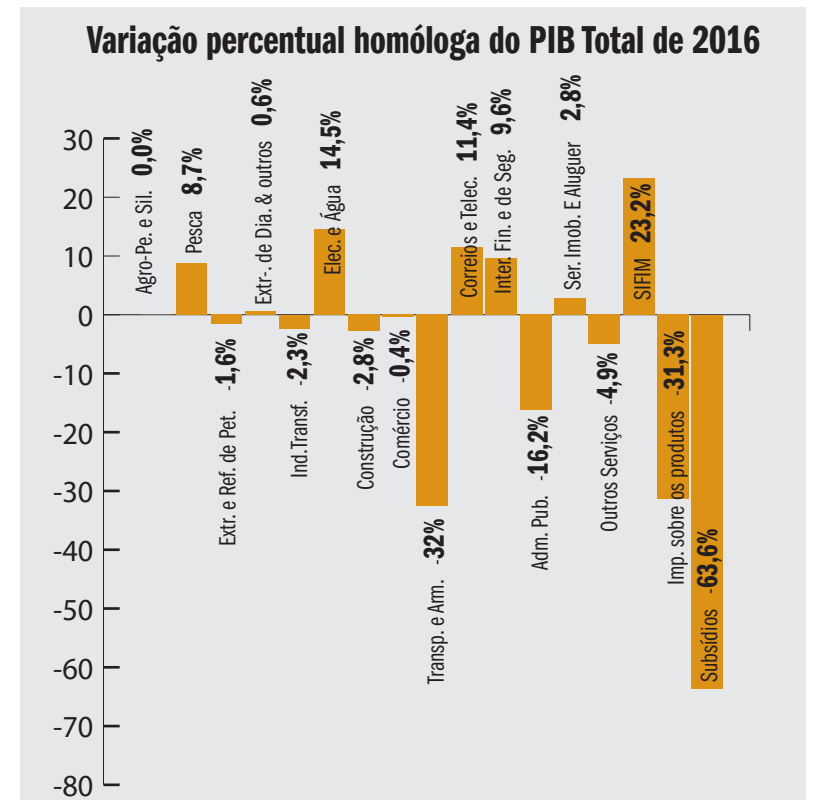
político de eleições”.

O desagrado de Job Graça, em relação às contas do INE, detalha a fonte, terá inclusivamente levado o ministro a violar a lei, ao colocar um dos secretários de Estado a dirigir a reunião do Conselho Nacional de Estatística, do qual não é membro.

O CNEST é presidido pelo ministro do Planeamento e do Desenvolvimento Territorial e tem, como

vice-presidente, o director do INE.

Por várias vezes, o VALOR tentou contactar o director do INE, Camilo Ceita, no sentido de confrontar os factos e aferir se a publicação das Contas Nacionais continua em cima da mesa, mas o gestor não reagiu às chamadas até ao fecho da edição. O MPDT também não reagiu, apesar de várias tentativas do jornal, através do gabinete de comunicação insti-



tucional do departamento liderado por Job Graça.

CALENDÁRIO COMPROMETIDO

Tal como o VE lembrou na sua última edição, o INE garantiu, em Fevereiro, que, a partir de Março, estaria preparado para a apresentação regular das Contas Nacionais trimestrais, o que colocava a instituição de Camilo Ceita em situação de incumprimento a partir do início de Abril. A promessa ocorreu por altura da apresentação das Contas Nacionais provisórias de 2014 e as preliminares de 2015, facto considerado como “um marco” do sistema estatístico nacional. De acordo com o calendário do INE, as Contas seriam apresentadas com um intervalo de três meses, sendo que em Março estaria pronta a análise do último trimestre de 2016 e, em Junho, as demonstrações do primeiro trimestre de 2017, e assim adiante. Assim como desta vez, na semana passada o INE, através do seu director, não atendeu as várias tentativas do VALOR no sentido de esclarecer os factos.

PIB HOMÓLOGO RECUOU 4,5%
O produto interno bruto (PIB) do quarto trimestre de 2016 recuou 4,5%, face a igual período do ano anterior, revelam dados das Contas Nacionais a que o VALOR teve acesso, em exclusivo, e cuja publi-

cação aguarda por autorização do ministro do Planeamento, Job Graça. Referentes ao quarto trimestre do ano passado, as Contas assinalam o recuo de 6,6% na actividade de exploração e refinação de petróleo e gás, face ao registo homólogo, como o principal responsável pela variação negativa do PIB no último quarto do ano transacto (ver gráficos).

O comércio e a construção, que se posicionam logo a seguir nas contribuições ao PIB, recuaram 6,9% e 2,7% respectivamente, afigurando-se assim, à semelhança da actividade petrolífera, como decisivos na queda homóloga do PIB no último trimestre do ano passado. Em termos percentuais, foram, no entanto, as actividades dos subsídios e dos impostos sobre os produtos que verificaram quedas mais acentuadas, com registos negativos de 58,5% e 39,4%, respectivamente. A administração pública e os transportes e armazenagem também registaram variações homólogas negativas no PIB do quarto trimestre, ao quedarem 27,8% e 22,5% respectivamente.

Em sentido contrário, a actividade das pescas foi a que assinalou o maior salto percentual, com um crescimento de 25,2% no período, face ao registo homólogo. As actividades de electricidade e águas seguem-se com um crescimento de 13,4%, ao passo que os correios e telecomunicações subiram 12,5%.

Economia/Política

QUEIXAS MANTÊM-SE NOS MUNICÍPIOS

Finanças bloqueia acesso às receitas comunitárias

RECEITAS LOCAIS. Administradores confirmam que promessa do ministro das Finanças está por cumprir e todas as receitas continuam a ser canalizadas para a Conta Única do Tesouro.

Por José Zangui

O ministro das Finanças, Archer Manguieira, garantiu, há quatro meses, que, a partir de Março último, as administrações municipais passariam a gerir 100% das receitas comunitárias, respondendo a uma reclamação antiga sobre a necessidade de capacitação dos municípios com recursos financeiros para a gestão de questões básicas.

À entrada da última semana de Abril, o quadro mantém-se, no entanto, inalterado e há administradores que foram informados, de forma oficiosa, que o acesso às receitas comunitárias continuará vedado às autoridades municipais, por ordem do Ministério das Finanças.

O administrador de Cacuo, Carlos Cavuquila, confirma que a prática anterior se mantém, ao mesmo tempo que aponta os riscos que podem levar o novo modelo ao fracasso. “Até agora, continuamos a

reclamar, porque o sistema não está ainda desfeito, todas as receitas vão para a Conta Única do Tesouro e estou reticente que o novo modelo venha a funcionar, porque o Ministério das Finanças continua a ter o controlo total da subconta”, explica Cavuquila.

100

Por cento das receitas comunitárias devem ficar na circunscrição onde são arrecadadas e não estão sujeitas ao princípio da solidariedade

MEMORIZE

- As receitas comunitárias, grosso modo, são aquelas que são arrecadadas pelas administrações por via da prestação de serviços, diferentes das receitas parafiscais ou tributárias, que derivam de impostos e de algumas taxas.

O administrador avança ter sido informado officiosamente que as receitas até hoje depositadas pelas administrações “são para esquecer” e todas a serem arrecadadas, fiscais e comunitárias, continuarão a ter como destino a Conta Única do Tesouro. “O administrador não pode assinar um cheque a solicitar verba para uma determinada despesa”, desabafa.

O administrador de Cacuo prefere não falar em recuo por parte do Ministério das Finanças, supondo apenas que, “provavelmente, terá havido dificuldades de tesouraria a nível nacional” e que os recursos “terão sido usados para determinados projectos cujo urgência e abrangência seja de considerar”.

O administrador de Cacuo lembra, no entanto, que, em termos de princípio, 100% das receitas comunitárias deviam ficar na circunscrição onde são arrecadadas, não estando sujeitas ao princípio da solidariedade, contrariamente às receitas tributárias que “são de solidariedade territorial para evitar assimetrias regionais”.

No caso de Angola, Carlos Cavuquila, que também é jurista, observa que, além de as administrações enviarem as receitas tributárias e comunitárias para a Conta Única



Carlos Cavuquila, administrador de Cacuo

do Tesouro, “os critérios de afectação a posterior não são claros”. “É isso que reclamamos. Queremos que se estabeleçam critérios claros e não discricionários na afectação das verbas”, exige, notando que o município que gere arrecada mais receitas tributárias que algumas províncias, como é o caso do Bengo.

Em 2016, o município de Cacuo depositou na Conta Única do Tesouro três mil milhões de kwanzas provenientes das receitas fiscais, no entanto este ano ainda não recebeu verbas.

O administrador do Icolo e Bengo, Adriano Mendes de Carvalho, abordado pelo NG, preferiu deixar “que seja o Ministério das Finanças a pro-

nunciar-se”. Mas, no final do ano passado, Adriano Mendes de Carvalho chegou a desabafar que os administradores se sentem impotentes para resolver problemas básicos. “Para uma pessoa ou empresa que paga impostos quando não tem boas estradas, água, energia, ou seja, serviço em condições, fica desiludida e culpa sempre a administração. Não quer saber o que a lei diz”, nota. Há cerca de três meses, o ministro das Finanças, Archer Manguieira, entendia que, com a adopção do modelo, reduziria a pressão sobre o Tesouro Nacional, flexibilizando a realização da despesa e, com isso atender a rapidamente as populações das comunidades.

O **Nová Gazeta** na internet

ACESSE: www.novagazeta.co.ao





- ✓ Betão Pronto
- ✓ Pré-fabricados de Betão
- ✓ Pré-esforçados Ligeiros
- ✓ Betuminoso
- ✓ Aluguer de Equipamentos



✓ BETÃO PRONTO

- Classes de betão correntes
- Classes de betão especificadas

Para satisfazer as necessidades dos clientes, a Concera, S.A. produz, fornece e disponibiliza o serviço de bombagem do betão pronto, de acordo com as normas em vigor, tipos e classes especificadas.



✓ PRÉ-FABRICADOS DE BETÃO



✓ PRÉ-ESFORÇADOS LIGEIOS



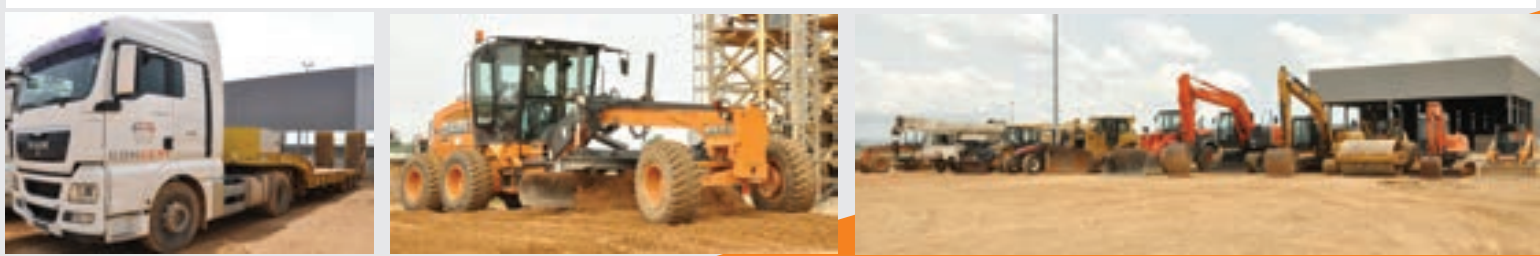
✓ BETUMINOSO

- Massas Asfálticas
- Aplicação de Massas Asfálticas



✓ ALUGUER DE EQUIPAMENTOS

- Máquinas para Movimentação de Terras
- Equipamentos de Movimentação de Cargas
- Transportes de Cargas e Equipamentos



Economia/Política



DECISÃO SURGE DE CINCO MINISTÉRIOS

Governo proíbe importação de clinker este ano

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO. Principal matéria-prima para fabrico do cimento Portland e que foi o produto mais importado no ano passado vai ser restrita e apertada este ano. As produtoras nacionais só poderão importar mediante indisponibilidade do clinker no mercado.

Por Isabel Dinis

O Governo proibiu a importação do clinker, principal matéria-prima para o fabrico do cimento Portland, indica um documento conjunto dos ministérios da Economia, Finanças, Indústria, Comércio e Construção.

A proibição foi acertada entre os cinco ministérios e a Associação da Indústria Cimenteira de Angola (AICA) e visa acabar com a importação “desnecessária” desse produto que foi, até ao terceiro trimestre do ano passado, o mais importado por Angola.

Durante todo o terceiro trimestre do ano passado, foram importadas 239.294,54 toneladas, mais

37.934,87 que no período homólogo, representado um aumento de 18,84%, segundo dados do Conselho Nacional de Carregadores (CNC).

A proibição, no entanto, fica condicionada às produtoras nacionais para utilização como matéria-prima na produção de cimento. As empresas importadoras que pretendam importar o clinker devem apresentar à Comissão do Sector do Cimento, por intermédio do Ministério da Construção, o seu plano anual de importação para este ano, com a designação de origem, boletim de qualidade e periodicidade de recepção. À medida em que se apura a indisponibilidade da produção e fornecimento local de clinker, a Comissão do Cimento vai estabelecer se se deve ou não aprovar a importação.

Para estimular a produção nacional deste produto, a Comissão do Sector do Cimento deve

8

Milhões de toneladas: capacidade anual instalada de produção de cimento em Angola

18,8

Valor percentual do aumento das toneladas de cimento importado durante o terceiro trimestre de 2016.

promover que o Executivo adopte medidas de afectação de disponibilidades cambiais aos produtores nacionais, para assegurar a produção e continuidade de fornecimento do clinker. A comissão fica ainda encarregada em coordenação com a AICA de promover iniciativas que apontem a adopção de medidas de incentivos fiscais e aduaneiros às importações de outros materiais indispensáveis à produção de cimento, nomeadamente, tijolos refractários, corpos moentes, peças de reposição, papel craft para sacos e outros equipamentos.

IMPORTAÇÃO DE CIMENTO DE NOVO PROIBIDA

Assim como nos anos anteriores, o Governo decidiu manter a proibição da importação de cimento para este ano para salvaguardar a oferta interna que ultrapassa largamente as necessidades, com a “qualidade”, “competitividade” e a “normalização” que se quer.

Na medida, no entanto, salvaguarda a excepção às províncias fronteiriças do Cunene, Kuando-Kubango, e Cabinda para as necessidades próprias de execução de obras de construção civil e obras públicas. Ficam também sujeitos a um regime específico de autorização e processamento as importações de cimento para obras em execução com contratos com chave na mão e importação de cimentos especiais, mediante prévia solicitação, fundamentada, dos utilizadores aos ministérios.

Segundo dados do Ministério da Indústria, o país dispõe de um excedente na produção de cimento que chega aos 2 milhões de toneladas anuais, numa produção instalada de oito milhões de toneladas por ano.

A indústria do cimento em Angola é das poucas consolidadas no país desde as assinaturas dos acordos de paz. O maior investimento nesse sector foi feito pela CIF e pela Nova Cimangola.

MEMORIZE

- **A medida,** no entanto, salvaguarda a excepção as províncias fronteiriças do Cunene, Kuando-Kubango, e Cabinda para as necessidades próprias de execução de obras de construção civil e obras públicas. Ficam também sujeitos a um regime específico de autorização e processamento as importações de cimento para obras em execução com contratos com chave na mão e importação de cimentos especiais.



PELO MENOS 40 TONELADAS de produtos diversos são colhidas quinzenalmente, no perímetro irrigado do Mucoso, município de Cambambe, kwanza-Norte, após ter beneficiado de obras de reabilitação.



CEM MILHÕES DE DÓLARES é o valor a ser disponibilizado pelo governo Polaco, para investimento no sector agro-industrial e produção de equipamentos, no pólo industrial da Eva, no Lubango, Huíla.

DADOS REFERENTES À PRODUÇÃO ALIMENTARE EM 2016

Agricultura falha em 30% meta do PND



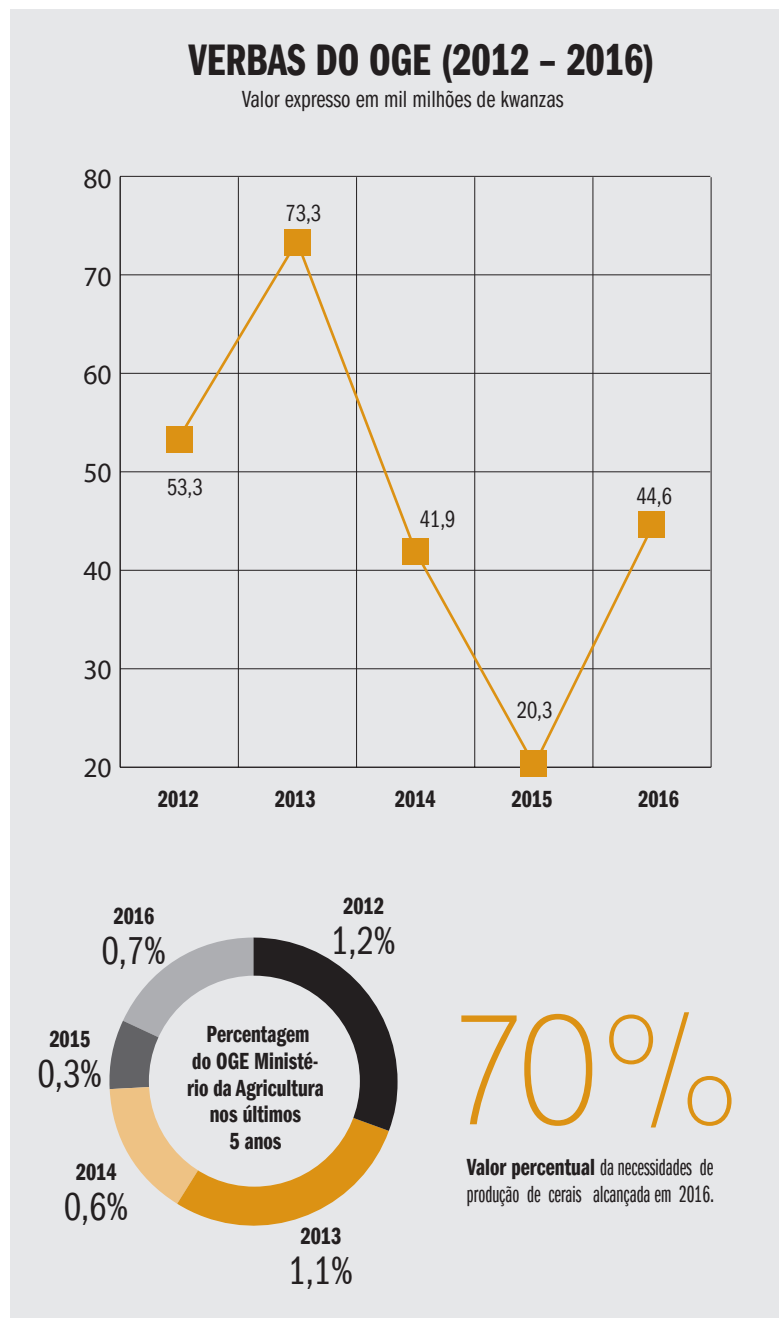
AGRICULTURA. Ministro da Agricultura admite que as metas da agricultura, traçadas no Plano Nacional de Desenvolvimento (PND) 2013/2017, não foram cumpridas. O governante calcula que garantia da auto-suficiência alimentar passa por ultrapassar “constrangimentos” de combustíveis e de meios como tractores e sistemas de rega.

Por José Zangui

O grau de execução do Plano Nacional de Desenvolvimento (PND), no sector da agricultura, não foi além dos 70%, declarou, na última semana,

o ministro Marcos Nhunga, que prevê a efectivação da segurança alimentar no próximo ciclo governativo, “quando os projectos estruturantes de produção de fertilizantes e sementes estiverem a funcionar”.

Dados do gabinete de estudo, planeamento e estatística do Ministério da Agricultura apontam que, em 2016, o país atingiu 70% das suas necessidades de produção de cereais para 2.016.566 toneladas;



O milho é, no momento, o cereal mais produzido, com a produção a atingir, em 2015, mais de 1.800 toneladas, seguindo-se a massambala com mais de 49 mil toneladas e o massango com cerca de 44 mil toneladas.

“Melhorias significativas” estão a ser registadas, entretanto, na produção do ovo, estimada em 36 milhões de unidades por mês, o que representa até 60% da procura nacional, calculada em 54 milhões de ovos/mês.

Produtores, como Elisabeth dos Santos, da Fazenda Perola do Kikuxi, e Rui Santos, da Associação dos Avicultores de Angola, justificam o défice da oferta local com os elevados custos de produção.

O último relatório económico do CEIC, por exemplo, refere que produzir um ovo em Angola custa quatro vezes mais que importar.

O ministro da agricultura esclarece, por sua vez, que, para a “resolução definitiva” do problema da segurança alimentar e a consequente auto-suficiência em produção agrícola, Angola deverá ultrapassar também os constrangimentos de falta de tractores, sistema de rega e combustíveis.

Vários observadores apontam, no entanto, outros factores que devem ser melhorados, como o aumento do ‘bolo’ destinado ao sector cabimentado no Orçamento Geral do Estado (ver tabela).

Belarmino Jelembe, director da Acção para o Desenvolvimento Rural e Ambiente (ADRA), questiona os dados estatísticos apresentados pelo ministério, considerando-os “exagerados”, embora reconheça notar-se melhoria nalguma produção.

Há um programa dirigido para o aumento da produção. Os projectos para ovo e frango estão a ser financiados em 70% pelo Angola Investe, enquanto o Banco de Desenvolvimento de Angola (BDA) financia projectos ligados à produção de cereais e leguminosas e pecuária.

MEMORIZE

● O Plano Nacional de Desenvolvimento de 2013/2017 previa como principal meta para Agricultura, o alcance da auto-suficiência alimentar, sendo que para atingir tal desiderato, o sector tem recebido elevados investimentos nos ultimos anos.

57% das necessidades de produção de frango e 84% de carne bovina (mais de 23 mil toneladas), representando um abate em talho de mais de 100 mil animais.

Mas foram produzidas também carne de caprino, num total de 149 toneladas, e de suíno, sendo que, neste caso, não foram disponibilizados os números oficiais.

Dos vários cereais que consume, o país produz somente milho, arroz, massango e massambala.

Entrevista

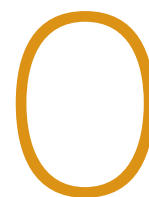
CELESTE DE BRITO, PCA DO NATRABANK

“Se tivermos ouro suficiente no BNA, o kwanza poderá valer mais que o dólar”



A partir de hoje, começa a funcionar, no país, o Banco Africano de Recursos Minerais, ou simplesmente, o Natrabank. É um banco único em África e no mundo e tem aspirações globais. Celeste de Brito, presidente do conselho de administração do banco, explica, em exclusivo, todas as motivações de fundo que levaram à criação do Natrabank, entre as quais a ambição de deixar no país todo o ouro produzido em Angola.

Por António Nogueira



Banco Africano de Recursos Minerais inicia actividade precisamente nesta segunda-feira. De que banco se trata exactamente?

Não somos um banco em que o cliente abre uma conta, deposita e depois levanta o dinheiro. Não vamos ser um banco de investimentos, em que alguém vem com um projecto e nós damos o dinheiro para investir. Em todo o caso, vamos financiar os agricultores, construtores e mineiros no modelo chave na mão. Ou seja, vamos dar equipamentos e vamos acompanhar os projectos por causa da qualidade nos casos de exportação. No fundo, é um banco de permuta: nós damos o equipamento para o produtor extrair e este, por sua vez, paga com o produto. Também vamos ter de extrair, portanto é uma instituição financeira não monetária.

As exigências aos investidores, em relação à qualidade dos projectos, serão as convencionadas pela banca ou haverá requisitos mais específicos?

Como todo o banco e todo o negócio, temos todos os componentes. Ou seja, temos 'compliance onde se vê o risco e se o negócio está dentro dos padrões internacionais. Vamos dar os relatórios normais como um banco normal apresenta, portanto, só não vamos transaccionar moedas. Mas vamos fazer o mesmo serviço com valores, que não é dinheiro.

É um caso único em África?

Este banco é único em África e praticamente o único no mundo. Existem bancos que já trabalham com recursos que valem dinheiro, mas não um banco propriamente de recursos naturais, um banco que valoriza e transforma estes recursos naturais num valor, como é o Natrabank.

É um projecto pensado exclusivamente para Angola?

É um projecto concebido em Angola e que está agora à volta do mundo. Se fizermos um enquadramento histórico, vamos notar

“**Temos uma meta de colocar no BNA, em um ano, cerca de 25 mil quilos de ouro.**”

que Angola já funcionou como o banco central de África. Antes das divisões territoriais, o libongo e o zimbo eram dinheiros de África e o banco central era em Luanda. Hoje dependemos de bancos internacionais como correspondentes. Entretanto, são bancos que estão a sabotar o continente africano, porque nos negam determinados serviços por acharem que estamos em falência técnica; que estamos pobres; tentam convencer-nos de que estamos arruinados. Acontece que temos os nossos recursos naturais que valem muito e que, por sinal, movimentam os mercados deles. Aliás, eles nem mercado têm porque o mercado deles está em África e é isso que movimenta os bancos de correspondência.

A ideia é fazer bancos correspondentes em África?

África pode ter um banco de correspondência. Se o ouro não sair de África ou se sair pouco; se aquilo que eles consideram garantias para monitorizar e para financiar estiver em África, eles (bancos internacionais) estarão obrigados a ter de vir a África negociar parcerias justas com os africanos, porque temos um valor. Só Angola tem cerca de 22 triliões de dólares em activos que são garantias de recursos naturais no subsolo. E temos países, no mundo, cuja única garantia é a tecnologia. Não têm nenhum recurso natural, como é o caso da Coreia do Sul, que é um dos fortes parceiros do Natrabank. Então porque não nos juntarmos para avaliar o quanto valemos? Se não soubermos o que valemos, vamos continuar a ser tratados como um subpovo e não há motivo para tal. Isso não é novo. Não é magia e não é nada de outro mundo. A própria Europa saiu da segunda guerra mundial com uma elevada dívida com os Estados Unidos. Como é que saiu dessa dívida? Os judeus fazem isso há anos. Têm lojas de penhora. A Coreia do Sul, há 40 anos, estava pior do que está Angola hoje, no entanto, é actualmente o quarto maior país do mundo com potência económica. E o que eles fizeram? À dada altura, o Estado sul-coreano pediu às pessoas para que doassem as jóias que tinham. Depois derreteram o ouro todo, colocaram em barra, monitorizaram e fize-



Mário Mujica © VE

ram da Coreia do Sul o que é hoje. Investiram em recursos naturais. Já temos memorandos de entendimento com alguns países africanos que aceitaram ter Angola como banco central de África e estão todos a vir para colocar, nos nossos bancos, o melhor que podem para nos unirmos e sermos uma potência económica.

A que países se refere?

Temos convénio com o Congo Democrático, Zimbábue, República Centro Africana e com o Congo Brazaville, sendo que com uns temos já contratos assinados, e com outros temos cartas de intenções prontas a assinar, porque os processos já estão negociados. Temos também cartas de intenções de outros países que querem doar as suas garantias soberanas ao banco de Angola, no caso o Natrabank. Essas garantias são os recursos naturais que estes países nos oferecem para serem explorados e, em troca, desenvolvermos habitações sociais, infra-estruturas, energia, água, pontes, aeroportos. Temos já tudo isso assinado.

E fora de África?

Temos os Estados Unidos que criaram um sindicato de bancos para a agência de África e temos a Coreia do Sul, que envolveu mais de 60 empresas multinacionais na promoção do bulionismo em África. Já

Este banco é único em África e praticamente o único no mundo. Existem bancos que já trabalham com recursos que valem dinheiro, mas não um banco propriamente de recursos naturais, que valoriza e transforma estes recursos naturais num valor, como é o Natrabank.

Não vamos ser um banco de investimentos, em que alguém vem com um projecto e nós damos o dinheiro para investir. Em todo o caso, vamos financiar os agricultores, construtores no modelo chave na mão.

tivemos grandes nomes, no passado, que defenderam o bulionismo em África. Patrice Lumumba defendeu o bulionismo desde a primeira hora; Kwamme Nkruma e Kadafi também, entre outros. Portanto, o que se passa é que não há um grande interesse para que África se una e mostre ao mundo que tem uma potência e que pode criar história, sendo auto-dependente e auto-suficiente.

Mas o bulionismo evoluiu em termos conceptuais?

O bulionismo seria considerado só o ouro até a dada altura. Hoje não. Hoje inclui mais metais preciosos, o diamante já está dentro do bulionismo. São activos que estão num determinado padrão e formato para ter um preço. Vamos revolucionar essa iniciativa, porque é para isso que surgimos. Daqui a dois ou quatro anos o país que não tiver ouro não terá expressão nem vai poder fazer nenhuma transacção internacional. Por isso, temos de nos precaver. O mundo não acabou porque não há dólares, porque se tivermos uma quantidade suficiente de ouro no BNA e connosco mesmos, o kwanza poderá valer até mais do que o dólar.

De que forma o Natrabank cumpriu ou vai cumprir com as obrigações do BNA, nomeadamente em relação aos capitais de constituição e aos depósi-

tos de reservas obrigatórias?

Temos uma meta de colocar no BNA, em um ano, cerca de 25 mil quilos de ouro. Isso garante-nos fazer qualquer projecto em Angola, porque o ouro é monitorizado. Conseguimos ter financiamento para longo prazo com juros bastante baixos e garantir investimentos noutras áreas. O banco criou a União das Cooperativas Angolanas, que é um parceiro estratégico, e temos uma incubadora de empresas que vai fazendo as parcerias no sistema BOT (Build, Operated & Transfer) e nos projectos públicos privados em que o Governo cede as terras. O que não queremos é fazer projectos para endividar o Governo. É hora de nos unirmos e olhar para a realidade do país e todos fazermos qualquer coisa. Por isso é que o nosso banco tem o slogan de 'Juntos Podemos'.

Qual é o capital social do banco?

É uma sociedade anónima e não tem capital social assim muito elevado. Não gosto muito de falar de números, mas temos um capital social que é permitido e exigido por lei.

E que activos já tem sob a sua gestão?

Entre granito e mármore, temos cerca de 25 a 30 minas já depositadas no banco. Temos algumas cooperativas diamantíferas que já fizeram convénios e vão-se organizando. Já temos alguns activos que podemos considerar ser alguma mais-valia. Estando os projectos com o estudo de viabilidade e com a prospecção feita, porque alguns têm, mas outros não, já se pode dizer que o banco está com activos muito altos.

Continua a haver muitas concessões de minas paradas?

Em Angola, o que se passou é que, a dada altura, o Governo privatizou quase todas as minas. Hoje não temos qualquer dificuldade, porque as pessoas que têm concessões de minas vêm depositar os recursos no Natrabank e o banco faz um investimento nas minas. E todo aquele angolano que tem concessão acaba por ser alguém que tem percentagens e que cresce como dono dessa mina. Aquilo que o Governo fazia como garantias soberanas - que era o Governo a passar para outros governos para o desenvolvimento do país - hoje são os privados a fazer.

Entrevista

Continuação da página 11

Há muitos privados com concessões de minas em mãos há cinco ou dez anos que não têm conseguido fazer absolutamente nada. E o Natrabank, como é um banco de fomento, mas que actua também em várias áreas de desenvolvimento como no sector agrícola, surge para apoiar estes investidores. Da parte do Governo, contamos com a ajuda institucional. Se o Governo não tivesse as leis que permitissem que existíssemos, então teríamos dificuldades. Até agora não temos motivos de queixas. Conseguimos legalizar-nos como uma empresa normal. Temos as licenças emitidas, tivemos acesso aos ministros do sector que representamos, apresentámos o nosso programa. E, por mais que as pessoas não acreditem, o Natrabank é um banco de direito angolano, concebido e nascido em Angola.

Mas, sendo um banco 'pensado para África', deve haver planos para se instalar também fora de Angola, certamente?

Sim, temos o nosso programa para cada país, mas os governos também têm os seus programas. O que fazemos é integrar ao máximo os programas aos dos governos. Somos empresários que procuram os crescer, mas não à margem das leis dos países. Cada país tem a sua política e nós primamos por seguir à risca essas políticas do país onde estivermos integrados. Depois de Angola, o próximo passo será para o Zimbábue. Temos as condições criadas e do Zimbábue estamos a ter muito apoio do governo. Temos licenças já concedidas. Depois do Zimbábue temos o Congo.

São os países a que já referiu com os quais têm convénios. Algum motivo em particular?

Para o bulionismo, estes três países são essenciais para a África. Juntos fazem cerca de 76 triliões de dólares em activos. O Bulio Bank, que é um departamento dentro do Natrabank que vai tratar dos três preciosos metais, só estará nesses três países de África. O Natrabank estará onde for necessários.



Mário Mujetes © VE

Mário Mujetes © VE

Mas antes deve acontecer a expansão em Angola?

Sim, temos instalações já prontas no Lubango. Entre Maio e Junho, vamos inaugurá-las. Temos aqui as instalações da União das Cooperativas de Angola e temos o Natrabank e a incubadora. Depois disso, vamos abrir representação no Huambo.

O mercado petrolífero também estará entre as áreas por explorar?

Não é prioridade, mas o petróleo é um recurso natural. E temos uma carteira aberta de gente lá fora que procura por recursos naturais africanos, oferecendo em troca aquilo que se procura para África. Em Angola, tivemos muita procura, mas não tivemos oferta. Nos outros países, o que estamos a receber de garantias são mesmo poços de petróleo. Tudo o que é recurso natural o nosso banco aceita como garantia e transacciona.

O banco está também a investir na criação de cidades inteligentes nalguns pontos do país. Em concreto como funcionarão estas cidades e quais são as garantias de retorno desse investimento?

Essas são cidades privadas, porque são feitas já com um estudo de viabilidade de auto-sustentabilidade. Trata-se de um projecto que envolve cerca de 60 indústrias sul-coreanas. Vão fazer um parque industrial em Angola para o

PERFIL

Celeste de Brito é bacharel em Teologia, pelo Instituto da Fé, Brasil. Possui ainda estudos avançados em relações humanas, ciências político-religiosas, igualmente concluídos no Brasil. É também formada na área de gestão de projectos sociais, para além de ter frequentado cursos intensivos sobre gestão de pessoas e sobre prevenção de conflitos. Empreendedora, Celeste de Brito é presidente do conselho de administração do grupo Tamar e da Afrotai. De entre outros cargos, entre a vida religiosa e empresarial, desempenha actualmente também o papel de representante económica, comercial e cultural de Taiwan, em Angola.

mercado africano. E Angola, neste momento, oferece condições para a implementação desse negócio, porque tem estabilidade e segurança. Angola tem agora um satélite que está aí a surgir e que vai colocar o país com maior acessibilidade à comunicação em África. Este pormenor é importante para a criação dessas cidades. Se formos ao Dubai, vamos reparar que todos os outros que passam por lá são turistas. Quem compra para vender são os africanos. Logo, o mercado está em África. A nossa intenção é fazer uma dessas cidades inte-

ligentes, no Zaire, já na intenção da abertura de zonas francas para a fronteira com o Congo e com outros países depois do Congo, para se criar auto-sustentabilidade dessa cidade. Para além dos parques industriais, temos o projecto da mandioca que vai ficar na Lunda-Norte. Este projecto vai integrar uma refinaria e é muito grande porque temos um laboratório de pesquisa de mandioca há sete anos. Chegámos a 54 produtos comerciais derivados da mandioca. A mandioca é tipo o arroz, que é um prato típico africano e nós vamos exportar para outros países de África.

Fala-se na criação de três cidades. Confirma?

Sim! Estas cidades estão pré-pagas e à espera que cumpramos com as autorizações aqui internamente. A segunda cidade vai ficar na área da Barra do Kwanza. Apanha a parte de Cabo Ledo. É uma cidade para artesanato, cultura e turismo e produções cinematográficas. Temos muitos países que querem fazer filmes em Angola e então vamos ter isso como um factor de auto-sustentabilidade. Esta é a cidade que estamos a pensar para o centro do país onde deveremos colocar um aeroporto para cargas para exportação de hortícolas e frutas que têm de sair do país de avião. A terceira cidade será implantada no Namibe por causa das minas que estão no sul de Angola, como

o granito, o mármore que servirão para garantir a auto-sustentabilidade. As indústrias vão estabelecer-se por sectores e vamos ter também um centro de pesquisa, centro de formação, universidades. Grande parte das pessoas vai precisar de morar lá. Ou seja, as pessoas vão para lá e encontram a casa, o emprego, o transporte que vão pagando. É uma cidade com tecnologia sul-coreana, com tecnologia de ponta. Estamos com a Samsung, a Hyundai, a Kia, entre outras marcas, empresas que já conceberam grandes cidades inteligentes pelo mundo. Criamos este 'train' que vai por África fora mexer e mostrar que os africanos podem desenvolver-se.

Quais são os prazos para a criação dessas cidades?

As cidades serão feitas em simultâneo. E o nosso 'timing' são três anos a partir do momento em que tivermos as autorizações todas daqui do Governo. Assim que estiver tudo pronto para se começar, levará três anos até se concluir em os trabalhos.

Qual é o investimento para a criação desses projectos?

Esse não é um dinheiro que o banco tem e vai gastar. Esse é um dinheiro que o banco, através dos seus parceiros, vai investir para depois retirar o dinheiro aplicado. Por outro lado, o Natrabank tem para investir, na agricultura, em Angola, seis mil milhões de kwanzas. Queremos, a nível do sector primário, criar logística, garantir a transportação dos produtos agrícolas, transformar e industrializar os produtos.

Como banco está preparado em termos de recurso humanos?

Temos peritos nacionais. Nas nossas parcerias, temos acesso a vários tipos de sectores como à agricultura, à mineração. Estamos a projectar a construção de uma refinaria para fazer lingotes e barras de ouro porque o nosso acordo com os estrangeiros, que temos como parceiros, é que o ouro, por exemplo, e os bens mais preciosos não saiam de Angola. Vamos passar o que eles chamam de SKM, que é uma prova de fundo de que temos o ouro aqui e eles financiam sobre o ouro. Mas o nosso ouro não sai de Angola.

É GEOCIENTISTA? GEO-ENGENHEIRO? ESTÁ EM FORMAÇÃO?

REGISTE-SE EM

<http://quadros.mgm.gov.ao>

**E FAÇA PARTE DA BOLSA
DE QUADROS DO PAÍS**

O Plano Nacional de Geologia (PLANAGEO) é o maior investimento global jamais feito no nosso país no domínio das geociências, visando a actualização do conhecimento geológico nacional.

QUEM SE DEVE CADASTRAR?

Quadros técnico-profissionais e superiores e estudantes de:

Geologia, Hidrogeologia, Hidrologia, Geofísica, Engenharia Geográfica, Geodesia e Cartografia, Topografia, Geoquímica.

Engenharia de Minas, Laboratório, Matemática, Física, Química, Mineralogia e Petrografia, Sondagem, Geotécnica, Geocronologia e Paleontologia, Ciências Ambientais, Soldadura para a Mineração.

Computação, Gestão Mineira, Gestão Ambiental, Geologia Económica, Economia Mineira, Direito Mineiro.

PREENCHA O FORMULÁRIO DISPONÍVEL NO SITE

<http://quadros.mgm.gov.ao>

**1129 QUADROS
NACIONAIS JÁ SE
CADASTRARAM**

A COMPETÊNCIA AO SERVIÇO DO PLANAGEO E DA DIVERSIFICAÇÃO DA ECONOMIA



Contacto: quadros@mgm.gov.ao | +244 916 532 964

Política de privacidade O Ministério da Geologia e Minas garante que os dados que se registam durante o cadastramento serão utilizados apenas para questões estatísticas do conhecimento dos quadros.

Mercado & Finanças

ESCASSEZ DE DIVISAS LEVOU À FALÊNCIA DEZENAS DE EMPRESAS

Chineses fogem de Angola por falta de dólares

CRISE. Perderam milhões, acumularam dívidas e regressaram ao país de origem com ajuda de amigos. É o retrato de um “2016 desastroso” para a presença chinesa em Angola que viu a sua comunidade reduzir em cerca de 75%. Mas há sinais de alguma melhoria.

Por Cândido Mendes

A

queda acentuada do kwanza no mercado oficial e, sobretudo, no paralelo, em finais de 2016,

levou à falência muitos empresários chineses, incapazes de reexportar capital e atolados em dívidas no seu país de origem, declarou, ao VALOR e à agência Bloomberg, Xu Ning, presidente da Associação Industrial e Comercial Angola-China.

A organização, que conta com mais de 300 empresas-membros e cujo objectivo passa por ajudar empresários chineses a estabelecerem-se em Angola, calcula que entre 40 e 50 empresas chinesas faliram e encerraram as operações, abandonando o país, “muitas das quais a chorar e com bilhetes de passagem pagos pela Associação”.

O câmbio paralelo atingiu os 460 kwanzas por cada dólar em Dezembro, depois de ter sido vendido por

600 kwanzas entre Junho e Setembro, ‘aperto’ que foi acompanhado de graves restrições na disponibilização de divisas pelo banco central e, consequentemente, pelos operadores comerciais.

Os empresários chineses foram particularmente afectados, porque a única forma de acesso às divisas era através do mercado de rua, como nota Xu Ning, que declara não ter abandonado o país, porque tem a vida em Angola, assim como tem muita gente a depender de si.

Há quase 20 anos em Angola e proprietário de empresas nos ramos de manufacturação, turismo e construção civil, Xu Ning emprega 700 trabalhadores e assistiu à facturação nos negócios a recuarem para os 20% do capital investido. “O ano passado foi muito mau, as empresas assinaram contratos de construção ao câmbio de 100, mas, na altura de pagar, o câmbio estava a 600”, precisou Xu Ning.

A situação, como notou, levou a que muitos comerciantes optassem por parar de vender, mesmo com produtos nas prateleiras, porque “não compensava”.

A este cenário, crescem-se os atrasos nos pagamentos e endividamento por parte de empresas

300

Empresas integram a Associação Industrial e Comercial Angola-China

públicas que também recorriam às empresas chinesas, desde produtos manufacturados à construção civil. As dificuldades no repatriamento de capitais provocaram “problemas adicionais”, com os fornecedores na China, já que os operadores em Angola recebiam os produtos, mas não conseguiam pagar, pelo bloqueio das transferências pelos bancos angolanos, por força das restrições do BNA. “Os nossos nomes ficaram sujos na China”, lamenta Xu Ning, precisando que “as fábricas cortaram relações e, quando ouvem os



nossos nomes, dizem essas empresas não prestam, estão sempre a mentir muito e não respeitam contratos”.

BANCO DA CHINA E DA ‘ESPERANÇA’

Os empresários chineses, que se sentem ‘barrados’ no sistema financeiro angolano, encontram agora esperança no Banco da China que começa a operar em breve, depois de ter sido recentemente autorizado a abrir sucursal em Angola.

O banco continua de momento como escritório de representação em Talatona, mas brevemente “vai operar como um banco normal”, como confirmou Xu, acrescentando que a preferência por aquela instituição se deve ao facto de oferecer ‘linha directa’ à China.

O número de chineses a trabalhar em Angola reduziu significativamente nos últimos três anos. Do ‘pico’ de mais de 200 mil, na altura das grandes obras de reconstrução nacional como os caminhos-de-ferro, estádios desportivos e centralidades, o número de chineses em Angola quedou cerca de 75% para entre os 50 e 60 mil entre empresários e trabalhadores.

Neste momento, não há praticamente obras públicas de constru-

ção a cargo de chineses e a polémica sobre o ‘roubo’ de empregos aos angolanos, sobretudo na construção civil, foi esquecida.

Xu Ning, que insiste que a rua continua a ser a única alternativa de divisas para os empresários que resistem, acredita, no entanto, que “as coisas estão no sentido de melhoria”, com o sector do comércio a “deixar ver uma luz no fundo do túnel”, ao contrário do da construção que continua parado. “Agora já se pode vender, porque o câmbio de rua está a normalizar”, declara num português compreensível, mas que não reflecte os 20 anos em Angola. “O dinheiro já começa a sair, um bocadinho”, atesta, indicando que, apesar do optimismo renovado pelos que ficaram, não há empregados que partiram a querer voltar a Angola. “Os chineses que foram fecharam Angola das suas mentes, não querem mais saber”, precisa.

Em relação aos crimes que visavam a comunidade chinesa, incluindo raptos e assassinatos, Xu Ning nota que reduziram bastante desde que a Polícia Nacional começou a “intervir rapidamente”, além da presença da polícia chinesa que passou a operar a partir do consulado chinês.



O MONTANTE movimentado no Mercado de Bolsa de Títulos do Tesouro (MBTT), no primeiro trimestre deste ano, reduziu 39% para 46,01 mil milhões de kwanzas face a igual período do ano anterior, avança o Research do banco Atlântico.



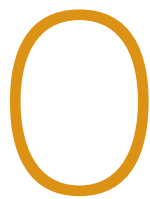
O SECTOR PETROLÍFERO absorveu mais da metade dos 96 milhões de euros que o Banco Nacional de Angola (BNA) vendeu, na semana de 10 a 13 de Abril, montante avaliado em 53,7 milhões, de acordo com os dados do relatório semanal de vendas do banco central.

COM 507,1 MILHÕES DE KWANZAS EM 2016

Filomeno Ceita ganha ‘primeiro milhão’ à frente do BCI em quatro anos

BANCA. Relatório de balanço de 2016 é o primeiro em quatro anos em que o banco declara lucros, com 507,1 milhões de kwanzas, ao fim de vários anos de liderança de Filomeno Ceita. Resultados publicados no portal do banco não estão, no entanto, acompanhados do parecer do auditor externo, opinião que atestaria se as contas da empresa estão em conformidade ou se reflectem a real situação patrimonial do banco.

Por Nelson Rodrigues



Banco de Comércio e Indústria (BCI) fechou o exercício financeiro de 2016 com lucros de 507,1 milhões de kwanzas, os

primeiros em quatro anos de perdas consecutivas, desde 2013, de acordo com números da entidade, compilados pelo VALOR.

Desde 2013 que o banco liderado por Filomeno Ceita não declara lucros aos seus accionistas, incluindo o Estado, que controla o banco em 91%, além das participações indirectas por via da ENSA, com 1,1%, TCUL, com 1,1%, TAAG, com 1,1%, Angola Telecom, igualmente com 1,1% e mais duas entidades, com quase 2% das acções.

Só em 2015, o banco não apresentou nenhum cêntimo de lucros aos accionistas, tendo fechado o exercício financeiro, iniciado a 1 de Janeiro, com perdas calculadas em 2.308 milhões de kwanzas, justificadas com o crédito malparado e o actual contexto de crise económica.

“O Banco de Comércio e Indústria, como de resto todo o sector bancário, ressentiu-se desta situação, principalmente no atendimento à solicitação de divisas por



Filomeno Ceita,
PCA do BCI

parte dos clientes, de que resultou, por efeito de arrasto, a redução das margens de intermediação em operações desta natureza”, justificou Filomeno Ceita, presidente do conselho de administração do banco, em mensagem anexa às contas de balanço de 2015.

Os relatórios Deloitte ‘Banca em Análise’ recuam a situação patrimonial negativa do banco a mais anos. Até Dezembro de 2012, por exemplo, o banco só tinha 1,7% de quota de mercado, no que dizia respeito aos depósi-

tos, 1,9% da carteira de créditos e 4,5 mil milhões de kwanzas negativos para resultados líquidos. Quadro financeiro que deixou o banco público no 12º e vigésimo lugares nos rankings por depósitos, créditos e lucros líquidos, respectivamente.

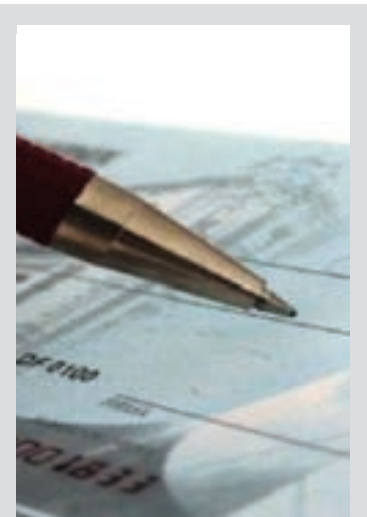
As contas de 2016 publicadas no portal do banco não estão acompanhadas do parecer do auditor externo, opinião que atestaria se as contas da empresa estão em conformidade ou se reflectem a real situação patrimonial do banco.

Nos anos anteriores, não faltaram alertas sobre reservas às contas do banco. Aliás, entre 2013 e 2014, a consultora KPMG alertou para a existência de 2,3 mil milhões kz nas contas do BCI, sem “suporte documental”, além de um “volume avultado de crédito de difícil cobrança, discrepâncias no inventário do património físico, e montantes de pensões de reforma indeterminados”.

“Estão ainda por se identificar as contas concretas do activo para a regularização de 2.306.191.000 kz sem suporte documental, registados nas contas transitórias ‘Operações Activas por Regularizar’”, afirmava o parecer do auditor independente KPMG, relativo às contas de 2014.

A administração de Filomeno Ceita esclareceu, no entanto, que os 2,3 mil milhões de kwanzas tinham origem na anterior administração e que não podiam ser imputados à sua gestão.

“Não existe buraco nas contas do BCI nem houve qualquer detecção por parte da KPMG. Por se tratar de situações ocorridas no passado, antes da tomada de posse da actual administração em finais de 2011, perfeitamente do seu domínio e por si monitorizadas e que vêm sendo progressivamente regularizadas à medida que as demonstrações financeiras possam comportar”, podia ler-se num outro parecer da administração do banco, em resposta a uma notícia com base no parecer do auditor KPMG.



BANCA

‘Cheques carecas’ ultrapassam mil milhões kz em Janeiro

Os bancos angolanos receberam mais de 1,6 mil milhões de kwanzas em ‘cheques carecas’ só no mês de Janeiro, totalizando 13 por dia, de acordo com dados do Banco Nacional de Angola (BNA), citados pela Lusa.

Segundo o mesmo relatório, sobre meios de pagamento, os bancos nacionais receberam, no primeiro mês do ano, um total de 406 cheques sem provisão, número que, em todo o ano de 2016, chegou aos 6.775.

Em termos de valor, e segundo o mesmo relatório, esses cheques sem provimento representaram, em Janeiro, 1.635 milhões de kwanzas, quando, em todo o ano de 2016, ascenderam, igualmente em montante, a 24.216 milhões de kwanzas.

Em Janeiro de 2017, foram emitidos, no total, 31.076 cheques, no valor de 90.317 milhões de kwanzas, indicam ainda os dados do banco central.

O número total de cheques emitidos pelos clientes angolanos tem estado em queda desde o pico de 625.247, no ano de 2014, que então representaram 1,365 biliões de kwanzas.

Em termos financeiros, o pico mais recente dos ‘cheques carecas’, no país, atingiu-se em 2013, ano em que 8.139 foram devolvidos pelos bancos por falta de cobertura, totalizando 46,8 mil milhões de kwanzas.

Mercado & Finanças

DECLARAÇÕES DE ARCHER MANGUEIRA EM WASHINGTON

Angola não está pronta para desvalorizar mais o kwanza

CÂMBIO. Ministro das Finanças receia que nova depreciação da moeda nacional afecte rendimentos das famílias, com consequências devastadoras sobre as metas fixadas para a inflação em 2017.

Por Cândido Mendes

O Governo não está pronto a desvalorizar de novo o kwanza, face aos riscos associados de aumento dos custos de importação e de estrangulamento dos recursos das famílias, declarou o ministro das Finanças Archer Manguera, em Washington, a capital política norte-americana.

“Este processo precisa de ser feito com algum cuidado”, referiu, à Bloomberg, Manguera, justificando-se que se trata de “um país que importa uma grande parte dos seus bens”.

O câmbio oficial mantém-se, há várias semanas, nos 168 kwanzas por dólar, uma taxa considerada “administrativa”, já que resulta da imposição do Banco Nacional (BNA) de Angola e não da relação da procura e oferta. Relação que parece mais efectiva no mercado paralelo, onde, com

as algumas oscilações nos últimos meses, a taxa de câmbio está mais do que duas vezes acima do mercado formal, fixando-se nos 360 kwanzas por dólar.

O BNA tem-se socorrido das reservas de divisas, cada vez mais escassas, para proteger a moeda, enquanto muitos economistas e instituições internacionais vão alertando que a desvalorização, se acompanhada de ‘medidas atenuantes’, iria aliviar a pressão sobre as reservas externas.

O câmbio já atingiu, entretanto, registos mais preocupantes no paralelo, onde a nota de um dólar chegou a ser transaccionada a 600 kwanzas entre Junho e Setembro de 2016, caindo mais tarde, em Dezembro, para os 465 kwanzas.

Quanto à referência de Archer Manguera em relação à “protecção dos recursos das famílias”, está associada, na verdade, ao controlo da taxa de inflação que já se encontra bastante alta, e que seguramente dispararia com uma nova alteração da taxa de câmbio.



Archer Manguera, ministro das Finanças

40%

Valor da inflação registado actualmente em Angola.

Os últimos registos oficiais indicam que a inflação se mantém muito elevada, longe da meta dos 15,8% definida para este ano, depois de ter fechado em 2016 acima dos 40%. “Nesse momento, estamos relativamente longe da meta”, observou Archer Manguera, apontando que “a tendência é de baixar, se compararmos com o ano 2016”.

O Índice de Preços no Consumidor (IPC), referente a Março, subiu em 1,9% em relação ao mês anterior, colocando a inflação nos 39,45% contra os 37,9% de Fevereiro.

Segundo estima o Governo, o produto interno bruto (PIB) deverá crescer este ano 2,1%, mas o Fundo Monetário Internacional (FMI) tem uma estimativa mais “conservadora” de 1,3% para o mesmo período. Dados de que o crescimento do PIB em 2016 tenha sido de entre 0,1% e 0,6% ainda “não estão confirmados”, de acordo com o ministro Manguera, na capital federal dos Estados Unidos, onde participa com outros ministros das finanças e economias do Mundo, nas reuniões conjuntas do FMI e do Banco Mundial.

Sobre as reservas internacionais líquidas (RIL), a Bloomberg estima que poderão ter aumentado em 600 milhões de dólares, em Fevereiro, para um total de 20,9 mil milhões de dólares.

Em termos de perspectivas gerais, espera-se que as RIL comecem a subir gradualmente este ano, como resultado do acordo de 30 de Novembro da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) para a redução dos níveis de produção. Para Angola, “é uma boa-nova”, já que enfrenta dificuldades de ‘caixa’ desde que a crise petrolífera estalou.

PREVISÃO DO BANCO MUNDIAL

Crescimento económico fica nos 1,2% em 2017

A economia de Angola deverá crescer 1,2% este ano, alicerçado num “aumento modesto” da produção petrolífera, abaixo da média da África subsaariana, que deve crescer 2,6% em 2017, revela o mais recente relatório ‘Pulsar de África’ deste ano, do Banco Mundial.

De acordo com o documento, citado pela Agência Lusa, o crescimento económico nacional deverá aumentar de 1,2%

em 2017 para 1,5% em 2019, impulsionado por um modesto aumento na produção de petróleo, conforme escrevem os analistas do organismo, no relatório.

Os autores fazem também uma nota às eleições, previstas para Agosto deste ano, considerando que “as metas orçamentais registam um défice estável, mas os riscos de grandes derrapagens na despesa pública na véspera das elei-

ções deste ano continuam altos”. Lê-se ainda no documento que o crescimento previsto para as economias da África subsaariana é de 2,6% este ano, uma aceleração face aos valores do ano passado, em que o abrandamento da economia mundial e a descida dos preços das matérias-primas criaram desequilíbrios nas contas públicas dos países mais dependentes dos recursos naturais.

“A recuperação na actividade económica deve continuar em 2018 e 2019, reflectindo as melhorias nas condições internas, as subidas dos preços das matérias-primas e a recuperação do crescimento mundial”, acrescenta o relatório.

O documento considera, no entanto, que “o ritmo da recuperação [regional] é fraco”, devido ao facto de as três maiores economias da região (Angola, Nigéria e África do Sul) virem a crescer apenas ligeiramente, “no seguimento de um forte abrandamento em 2016”.

LANÇAMENTO
DO LIVRO

Boom
Crescimento
continente
Infraestruturas
Desenvolvimento
Viragem
Economia
Democracia
Futuro
Questões
intelectuais
estabilidade
Cooperação
Olhar
População
Política
pobreza
Potências
africanistas
Liderança
demográfico
Integração
Regional

Pensar África

DE ADEBAYO VUNGE

04 maio
(quinta-feira)

18H30

Memorial
Agostinho Neto
Luanda



ROSA DE PORCELANA
editora

Banco Keve
O BANCO À SUA MEDIDA

APRESENTAÇÃO
Professor Doutor José Octávio
Serra Van-Dúnem.



Empresas & Negócios

INAUGURAÇÃO À ESPERA DA GOVERNADORA

Macon arranca em Cabinda ainda este mês

TRANSPORTES PÚBLICOS. Oito meses depois de receber a licença de exploração, a operadora MACON inicia, já este mês, o serviço de transporte colectivo urbano, em Cabinda.

Por António Miguel

A

MACON arranca, ainda este mês, a actividade de transportes públicos urbanos, em Cabinda. Segundo fontes

ligadas à operadora privada, a inauguração do serviço aguarda apenas pela disponibilidade de agenda da governadora da província, Aldina da Lomba Catembo, que deverá estar presente no dia do 'corte da fita'.

Numa primeira fase, a transportadora, que tem sede em Luanda, vai arrancar na província mais a Norte de Angola, com quatro autocarros, prevendo aumentar o número de meios rolantes se as circunstâncias assim o exigirem. Não foi divulgado o valor do investimento, no entanto, sabe-se que o custo de um autocarro varia entre 100 e 120 mil dólares.

Os autocarros da MACON 'rasgam' as estradas de Cabinda, oito meses depois de a transportadora ter recebido do governo provincial a licença para a exploração desse serviço. Deste modo, Cabinda torna-se na quarta província a beneficiar do transporte colectivo urbano desenvolvido por esta operadora, depois de Luanda, Malanje e Lunda-Sul.

A MACON desenvolve os seus serviços em todo o território nacional e tem seis segmentos de negócios na área de transportes, nomeadamente transportes urbanos, interprovinciais, cargas e encomendas, fretamento, executivos e internacionalização. O interprovincial é o mais lucrativo, representando 70%



Luís Máquina
director-geral da MACON

das receitas da empresa. Já o fretamento é o segmento com menor peso na 'balança de receitas'.

INTERNACIONALIZAÇÃO SUSPensa

A operadora angolana continua à espera de autorização do governo

da Namíbia para voltar a operar no país vizinho. Em 2013, funcionou três meses, com uma licença provisória, e a empresa vem solicitando a renovação desde então, mas o Ministério dos Transportes namibiano recusa-se a emitir o documento, apesar da inter-

4

Autocarros iniciam serviço de transportes público da MACON, em Cabinda.

MEMORIZE

- Apenas dois técnicos da MACON foram transferidos de Luanda para Cabinda, onde a empresa estreia os seus serviços, no final deste mês. Além dos efectivos, saídos da capital, toda a mão-de-obra foi recrutada localmente.

venção da Embaixada de Angola naquele país.

Apesar de estar inoperante, a MACON, que controla cerca de três mil funcionários, continua a pagar salários de funcionários e outras despesas, em território namibiano. Pelo menos, dois milhões de dólares foram investidos na abertura da filial, no país vizinho, onde a empresa conta com seis autocarros imobilizados.

A consolidação da internacionalização é um dos principais desafios da MACON. Para salvar o investimento embargado, a direcção da empresa está a estudar a possibilidade de transferir os meios da Namíbia para a Zâmbia, vizinho do leste, uma vez que aqueles autocarros têm volantes à direita e não podem circular em Angola.



NA HUÍLA

TAAG regista queda de passageiros de 11% em 2016

A delegação da transportadora aérea nacional, TAAG, na Huíla, registou uma redução de passageiros, em 2016, na ordem dos 11,3%, ao transportar 42.146 passageiros, menos cinco 5.421 em relação ao período homólogo.

O transporte de passageiros permitiu a companhia facturar, nesta província, cerca de 1,7 mil milhões de kwanzas, enquanto o segmento da carga gerou receitas no valor de 12,7 milhões de kwanzas, durante o ano passado.

Entre a receita captada, vale salientar que houve um aumento de 149,8 milhões e de 3,4 milhões de kwanzas no transporte de passageiros e de carga, respectivamente, em relação ao ano anterior.

Foram efectuados, a partir do Lubango, capital da Huíla, 735 voos domésticos directos e triangulares, mais 35 em relação a 2015, nas ligações com as cidades de Luanda e Ondjiva (Cunene), assim como na rota internacional para a capital da República da Namíbia, Windhoek.

A EMPRESA Interbancária de Serviços (EMIS), gestora da rede Multicaixa, regista 30 milhões de transacções financeiras por mês, resultantes das operações feitas pelos clientes nas três mil caixas automáticas e nos mais de 65 mil terminais de pagamento automático existentes no país, informou a empresa, em comunicado.



A ANGOLA CABLES celebrou uma parceria com a empresa brasileira Ustore para o fornecimento de serviços em cloud (nuvem), visando capacitar a parte angolana a entregar soluções nesta plataforma para os parceiros nos continentes africano e sul-americano, anunciou a empresa.

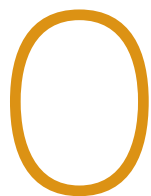


INICIATIVA PIONEIRA EM ANGOLA

AgriNzeto exporta fuba nacional

INDUSTRIALIZAÇÃO. Fuba de bombó passou a ser industrializada na província do Zaire e já é, ainda que timidamente, exportada. A Fazenda "AgriNzeto", um projecto com múltiplas actividades, é a pioneira no negócio, mas queixa-se da insuficiência da principal matéria-prima, a mandioca.

Por José Zangui



O projecto "AgriNzeto" arrancou em 2014, inicialmente com a produção de ovos, 5.400 unidades dia, tendo

posteriormente alargado a sua intervenção para a industrialização da fuba de bombó. De momento, a Fazenda AgriNzeto é a única no país que produz fuba de bombó industrializada em grande escala, com 208 toneladas anuais, sendo que a capacidade instalada é de 500 mil toneladas/ano. O défice é explicado pelo gestor com a insuficiência da mandioca. Segundo o responsável de contabilidade da Fazenda AgriNzeto, Sidric Kiaku, há alguma produção de fuba, mas apenas em pequena escala, feita pelas moagens.

Apesar de a fazenda ter um campo de plantação do produto com 421 hectares no Zaire e outro campo em Malanje, a mandioca continua a ser insuficiente para alimentar a fábrica.

Para aumentar os níveis de produção, a empresa envolveu a população, pequenos, médios e grandes produtores, não apenas do Zaire, mas também das pro-



208

Toneladas de fuba de bombó: valor da produção anual da empresa.

130

Número de postos de trabalho gerados pela AgriNzeto.

víncias vizinhas para a venda directa de mandioca à fábrica, abrindo, desta forma, uma cadeia de negócio.

De acordo com Sidric Kiaku, a AgriNzeto está também a dar formação gratuita aos camponeses locais, para que possam trabalhar com técnicas modernas e assim poderem produzir grandes quantidades.

O projecto criou, até ao momento, 130 empregos directos e mais de 50 postos de trabalho eventuais. A fuba já é exportada

para o mercado zimbabueano, estando em fase de estudo a expansão para outros países.

No mercado da fuba de bombó industrializada, a empresa avança isolada, sem concorrentes e já tem um leque de clientes, entre supermercados e particulares. As redes Shoprite, Maxi e Nosso Super, são alguns dos clientes. Internamente, a fuba devidamente embalada é comercializada ao preço de 5.000 kwanzas, o saco de 10 quilos, e a 550 kwanzas o pacote de um quilo. A empresa montou lojas

próprias de distribuição, no Nzeto e Mbanza Congo e no Huambo.

O processo de exportação é, no entanto, ainda feito de forma tímida, com a venda da fuba no Zimbábue e, de acordo com o chefe de contabilidade do projecto, para estender as exportações, é preciso aumentar a produção.

A 'DOR DE CABEÇA'

O chefe de contabilidade da Fazenda AgriNzeto aponta como principal dificuldade, a falta de energia da rede pública. Sidric

Kiaku calcula que, mensalmente, os custos com o gasóleo rondam os 20 mil dólares, para 35 mil litros de gasóleo.

A fábrica precisa também de investir em novas tecnologias, como por exemplo, uma máquina para descasque da mandioca que, de momento, é feito manualmente, envolvendo muita mão-de-obra. Este processo, de acordo com o responsável, "atrasa os objectivos da empresa que, como qualquer outra, é limitar as despesas e maximizar os lucros".

PETRÓLEO

Receitas fiscais da Sonangol crescem 50,9% em Março

As receitas fiscais da petrolífera Sonangol aumentaram 50,9% entre Fevereiro e Março, para mais de 560 milhões de dólares, tratando-se do segundo melhor registo num ano e meio, indicam dados do Ministério das Finanças.

As vendas de Março traduziram-se, segundo os dados oficiais, num encaixe

global de 802,7 milhões de dólares, dos quais 562 milhões de dólares provenientes da Sonangol.

Em Fevereiro, a petrolífera estatal tinha garantido, em receitas fiscais, 372,3 milhões de dólares. A empresa pública atingiu, em Janeiro, o melhor registo de receitas fiscais desde Agosto de 2015, com 659,7 milhões de dólares.

Este aumento teve em conta o aumento no volume exportado por Angola, de mais 133.000 barris de crude, depois da quebra de 4,9 milhões de barris de Janeiro para Fevereiro, tendo em conta os relatórios mensais do Ministério das Finanças sobre a arrecadação da receita fiscal petrolífera.

(In)formalizando



Santos Simões/VE

FACTURAÇÃO DIÁRIA PODE ATINGIR 15 MIL KZ

Recauchutagem, negócio de todas as épocas

RECAUCHUTAR. Cinco Milhões de kwanzas é o valor mínimo para abrir uma recauchutagem num espaço de 5m². Apesar de ser um pequeno negócio, contribui para a empregabilidade de jovens que vêm nas recauchutagens o seu primeiro trabalho.

Por Amélia Santos

A recauchutagem ou reconstrução de pneus consiste em aproveitar e reparar a estrutura resistente do pneu gasto. Normalmente estão

localizadas nas principais avenidas e ruas de fácil acesso. Com a dificuldade de aquisição de divisas, o material passou a ser comprado no mercado interno.

A 'Pneuvinda', que fica na avenida Ho Chi Minh, gerida por Domingos da Silva, há mais de 20 anos, emprega três jovens que recebem mensalmente 50 mil kwanzas, dependendo do rendimento diário.

O volume de facturação diária pode chegar até 15 mil kwanzas com os mais variados serviços que presta, entre diagnósticos de automóveis que custam 15 mil kwanzas, remendos de pneus, o serviço mais procurado, calibrações, montagem e desmontagem de pneus.

A recauchutagem próxima à agência funerária Muxima, que era apenas coberta por alpendre, sofreu restauro, num investimento avaliado em mais de dois milhões de kwanzas, e está aberta ao público de segunda a sábado entre as seis e as 19 horas. Nesta via,

MEMORIZE

● Para abrir uma recauchutagem pequena é necessário:

- ◆ Máquina de desmontar pneus.
- ◆ Máquina de calibrar pneus.
- ◆ Pistola automática de despartar pneus.
- ◆ Macaco de rodas gorila.
- ◆ Cavaletes.
- ◆ Compressor de 200 litros.
- ◆ Lixadeira de ar ou eléctrica.
- ◆ Saca válvula.
- ◆ Escova de aço.
- ◆ Píncel.
- ◆ Manómetro.
- ◆ Chaves de caixa, 16,17,19,21 e 22.
- ◆ 'Baba de boi', que pode ser feita com sabão e água.

Preços

Para consertar um pneu gasta-se em kwanzas:

- ◆ Remendo normal e chourição – 1.000
- ◆ Remendo 'especial' a partir e 1.500 à 4.500
- ◆ Para camião – 5.000
- ◆ Ar – 100

existem apenas três recauchutagens e a baixa concorrência resulta em abundância de clientes.

A empresa que existe há 20 anos cresceu com fundos próprios. "Usei

um capital inicial de dois milhões de kwanzas, mas este valor é o mínimo para abrir um negócio como este, pois as máquinas são caras. Este é um bom negócio para investir, mas é necessário que se faça um bom controlo. Antes recebia diariamente sete mil a dez mil kwanzas, mas desde, que estou à frente, vejo um aumento de mais ou menos 15 mil kwanzas na facturação."

Domingos da Silva tem consciência dos riscos de abrir um negócio próprio, porém adverte que os prejuízos neste ramo são muito raros. Aconselha a que não se crie 'stock', porque, "em tempo de crise, é um risco criar stock", mas afirma que se houver um controlo do negócio, "não há períodos maus". "Neste momento, a empresa ainda não é rentável, porque todos os negócios têm três fases: o investimento, o retorno de capital e a fase de lucro", lembra.

Na recauchutagem 'Santos Soluções', sita no bairro Popular, os três funcionários que tem não são assalariados, prática de outras recauchutagens, mas recebem por trabalho prestado. Joaquim Santos Ernesto garante que, desta forma, os trabalhadores produzem mais e com melhor qualidade, porque exige deles mais entrega, pois a divisão do dinheiro é feita em partes iguais, dependendo do tipo de serviço prestado e do material usado. Por exemplo, na calibragem

Muitas recauchutagens funcionam 24 horas por dia.



A ESCASSEZ de ração apropriada para alimentar os alevinos está a comprometer os projectos de piscicultura implementados nos municípios do Moxico e Camanongue, revelou fonte da Família e Promoção da Mulher no Moxico.



O ECONOMISTA Janísio Salomão defendeu recentemente, em Benguela, a introdução da cadeira do empreendedorismo no ensino primário, com vista a criar o espírito empreendedor desde a tenra idade.

de um pneu, que custa 100 kwanzas, o proprietário fica com 50 e o funcionário com 50 kwanzas, mas, para um remendo especial que custa 4.500 kwanzas, o proprietário fica com 500 e o funcionário com 500, sendo que 3.500 kwanzas vão para o caixa da empresa.

15

mil kwanzas é o valor da facturação diária da Pneuvida.

Há 13 anos a prestar serviços de recauchutagem, foi por incentivo do pai que abriu a primeira recauchutagem, dois anos depois conseguiu comprar um compressor por 120 mil kwanzas, na altura 1.200 dólares, com o passar do tempo e com o acumular de alguma economia expandiu para mais uma recauchutagem no mesmo bairro por trás do hospital Neves Bendinha, em Luanda.

“negócio dê certo”, adverte Joaquim Ernesto. A recauchutagem trabalha de segunda a segunda das seis às 18 horas. Os três funcionários tiram um dia de folga durante a semana. O rendimento que advém da recauchutagem serve para pagar a renda de casa, conseguiu construir casa própria, paga a escola dos filhos e outras despesas. Por um dos espaços, paga uma renda de 20 mil kwanzas mensal, num espaço de 4m²/4, sendo que a segunda loja não paga.

“Estar de bem com Deus, ser honesto e leal, saber empregar o dinheiro, fazer pesquisa de mercado e criar a empresa em pontos estratégicos é um dos segredos para que o



Pneus Vida, uma das recauchutagens mais antigas de Luanda.

Mário Mujica © VE

PUB



A SAÚDE MAIS PERTO DOS SEUS COLABORADORES.

SEGURO DE SAÚDE EMPRESAS

O Seguro de Saúde Empresas da NOSSA dá-lhe a si e aos seus colaboradores acesso aos melhores cuidados de saúde, por muito menos do que imagina. Tome uma decisão saudável para o seu negócio. Saiba mais numa agência NOSSA Seguros perto de si ou



NOSSA SEGUROS

De Jure

GIRO CASH CARRY conta 10 anos em tribunal e acusações sobem de tom

DISPUTA LEGAL. Disputa legal.

Branqueamento de capitais, falsificações de documentos, ameaças, falta de prestação de contas e usurpação de dividendos são algumas das acusações entre as partes envolvidas numa contenda jurídica que opõem accionistas há uma década. Em causa um património avaliado em 38 milhões de USD.

Por Valdimiro Dias

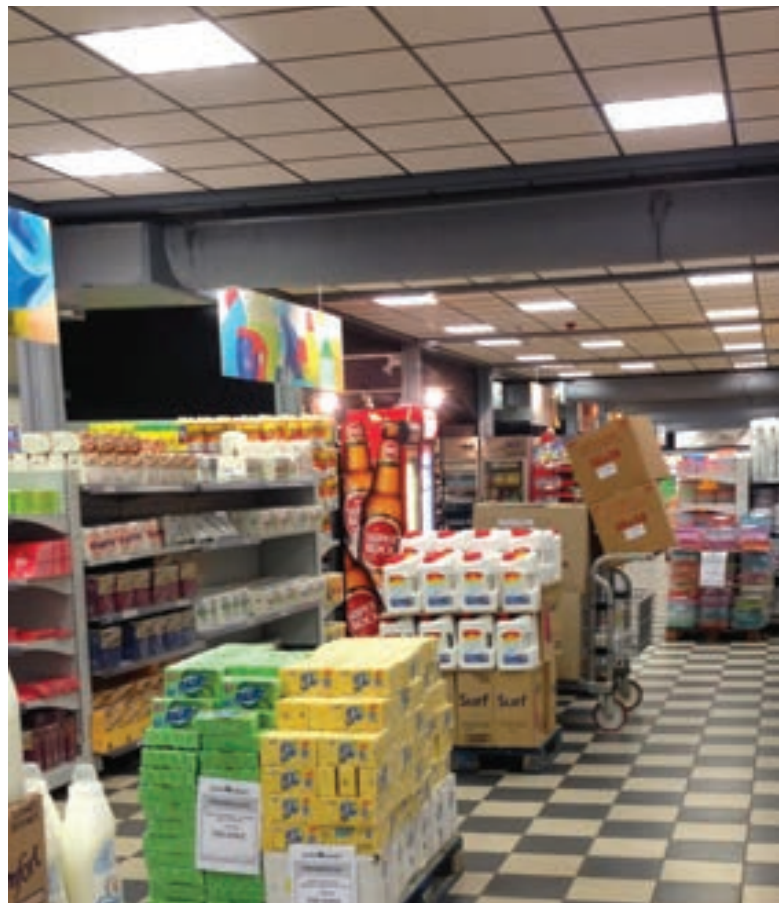
A quarta Secção da Sala do Cível Administrativo do Tribunal Provincial de Luanda, ordenou no ano passado o arrolamento de bens móveis e imóveis da sociedade GIRO CASH CARRY, ao julgar procedente o pedido de providência cautelar solicitada pelos advogados dos sócios da empresa, face à alegada recusa do conselho de administração (CA) liderado pelo português António Ferreira, em prestar contas e proceder à partilha dos dividendos. O CA é também acusado de outras ilicitudes como a prática de branqueamento de capitais.

O juiz da causa concluiu que as queixas são válidas, já que aos sócios terá sido negado lucro desde o início da actividade comercial, acesso às contas e informações sobre a vida da sociedade, acrescida de alterações na estrutura administrativa e acções sem o consentimento e o cumprimento das formalidades legais.

Fonte ligada ao processo revela que está em disputa um património estimado em 38 milhões de dólares, situação que se arrasta ao longo de 10 anos, envolvendo o património das Sociedades Comerciais GIRO

CASH CARRY e IMEDIATA DISTRIBUIDORA, cujos accionistas são os angolanos António Correia, Martinho Cadeado, Celso Ntemo, Bernadete Rodrigues. Estes alegam que “independentemente dos dois milhões de kwanzas para constituição da empresa, o investimento de dois milhões de USD que investiram abriram a porta a financiamentos bancários. Segundo os queixosos António Ferreira “usa o nome de general Kundy Paihaima para intimidar quando questionado ou intimado a prestar contas”. A mesma fonte afirma ainda que os gestores usam a IMEDIATA para “contrair créditos enquanto sociedade detentora do hipermercado Giro, mas repassam o capital para outras empresas e transferem para o exterior país, sem dar o uso para qual foi solicitado”.

Documentos constantes do processo referem que a “situação se agrava pelo facto de se aperceberem que o 2.º requerido e outros membros do conselho de administração estão a dissipar o património mobiliário e imobiliário, da primeira a requerida, bem como a transferir o espólio bancário para o exterior do país fim de prejudicar os accionistas”. Os documentos referem ainda “créditos, credenciais, procurações e outros actos que visam a continuidade do normal funcionamento da gestão, bem como decisões que estão a ser tomadas sem consen-



38

Milhões de dólares é o valor actual estimado do património da Sociedade IMEDIATA DISTRIBUIDORA

timento e a participação estatutária dos accionistas”.

A defesa dos gestores António Ferreira e António Pinho, reconhece que os requerentes da acção são accionistas fundadores e que decidiram endossar a cada um deles 19,5 acções equivalentes a 975,00 kwanzas correspondente a 0,4875 do capital social, sendo que em consequência disso passaram a ser titulares de 0,5 acções equivalentes a 250,00 kwanzas que correspondem a 0,0125 do capi-

tal social para cada um três sócios. No entanto, nega que os requerentes tenham solicitado acesso às contas ou qualquer assembleia geral. A defesa afirma ainda que a sociedade está em pleno funcionamento, que goza de estabilidade financeira e honra os compromissos financeiros fiscais, não tendo por isso o CA interesse em dissipar ou transferir bens para o exterior. Quanto à falta de partilha de dividendos a defesa dos acusados argumenta que os requerentes “nunca se preocuparam com a gestão da requerida, até que no dia 18 de Julho de 2016, solicitaram pela primeira vez uma reunião ao PCA, por via de advogados, facto que viola Lei”. Defendem igualmente que a partir do momento em que houve endosso das acções os subscritores ficaram com um total 0.05 por cento do capital social da empresa deixando de preencher o requisito legal que obriga à convocação de assembleia geral.

O porta-voz e relações públicas da FLOAT NUMBER, sociedade que actualmente detém as acções da IMEDIATA, Paulo Plagus, reconheceu que os queixosos foram sócios fundadores, “mas não investidores. Integraram o primeiro CA e repassaram todas as acções e bens da sociedade ao novo portador, que está autorizado a repassar ou vender para quem entender”. Paulo Plagus rejeita as acusações de branqueamento de capitais dizendo que os investidores que colocaram capital para a criação da IMEDIATA “nunca enganaram nem subverteram, somente cometeram falha burocrática”. Questionado sobre a anuência à providência cautelar por parte do tribunal, o porta-voz atribui a decisão ao entendimento que os requerentes da acção judicial ainda são sócios, decorrente da falta de cumprimento de formalismos legais como o registo da passagem da titularidade das acções da IMEDIATA. “Se nunca assinaram a venda de acções porque sumiram durante 10 anos e nunca trabalharam na empresa?”, questiona. Paulos Plagus reconhece que face à decisão do tribunal liderou uma tentativa de negociação com a outra parte para que questão seja resolvida por via menos dolorosa para todos, pese embora não concorde com o que estejam a defender, porque entende que não faz sentido prestar contas e repartir dividendos com pessoas que não fazem parte da sociedade porque já repassaram as acções. Fonte oficiosa conta que em cima da mesa terá estado uma proposta de 1,5 milhões de kwanzas para cada um dos queixosos, que consideraram a oferta irrisória face ao património em causa.

Paulo Plagus acusa os requerentes de registarem um novo CA sem ordem judicial, com o objectivo de se apossar de capital em depósito bancário, acção que já resultou em bloqueios a financiamentos em curso, e promete que a empresa vai recorrer da decisão do tribunal e entrar com as suas próprias acções judiciais.



Somos todos nós



SOMOS PELA INFORMAÇÃO ISENTA.

Na TPA estamos todos de acordo: é preciso falar claro para entender a actualidade nacional e formar opinião. Por isso, o programa de análise e debate da TPA tem um novo rosto e formato. Assista ao painel de jornalistas experientes que comentam os principais temas da semana, liderados por **Adalberto Lourenço**.

Todas as sextas-feiras depois do Telejornal, em directo na [tpa](#).

Reposição às segundas-feiras à 01h.

FALAR
CLARO

RANKING DA REVISTA TIMES HIGHER EDUCATION

As universidades que mais formaram bilionários nos EUA

FORMAÇÃO. Universidade de Harvard é a que mais forma bilionários nos Estados Unidos da América, sendo de destacar entre os seus antigos estudantes o fundador e proprietário da Microsoft, Bill Gates, e o criador do Facebook, Mark Zuckerberg. Segundo a revista inglesa "Times Higher Education", a instituição possui 35 bilionários, que, juntos, acumulam uma fortuna avaliada em cerca de 309 mil milhões de dólares.

10º) UNIVERSIDADE DE TEXAS EM AUSTIN
Total de bilionários formados: 5
Fortuna total dos bilionários formados: 39,3 mil milhões USD.



1º) UNIVERSIDADE HARVARD
Total de bilionários formados: 35
Fortuna total dos bilionários formados: 309,1 mil milhões USD.



7º) UNIVERSIDADE DE NOVA YORK
Total de bilionários formados: 7
Fortuna total dos bilionários formados: 64 mil milhões USD.

3º) UNIVERSIDADE STANFORD
Total de bilionários formados: 10
Fortuna total dos bilionários formados: 149,2 mil milhões USD.



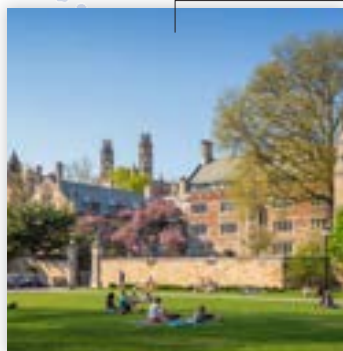
EUA



9º) UNIVERSIDADE DE MICHIGAN
Total de bilionários formados: 6
Fortuna total dos bilionários formados: 68,3 mil milhões USD.



8º) UNIVERSIDADE DO SUL DA CALIFÓRNIA
Total de bilionários formados: 7
Fortuna total dos bilionários formados: 27,1 mil milhões USD.



5º) UNIVERSIDADE YALE
Total de bilionários formados: 9
Fortuna total dos bilionários formados: 45,4 mil milhões USD.



4º) UNIVERSIDADE DA PENSILVÂNIA
Total de bilionários formados: 9
Fortuna total dos bilionários formados: 82,6 mil milhões USD.



2º) UNIVERSIDADE COLÔMBIA
Total de bilionários formados: 12
Fortuna total dos bilionários formados: 171,7 mil milhões USD.



COLOMBIA



6º) UNIVERSIDADE CORNELL
Total de bilionários formados: 9
Fortuna total dos bilionários formados: 38,9 mil milhões USD.

Irá a iliteracia económica despoletar uma guerra comercial?



Jeffrey D. Sacks

Economista, Professor de desenvolvimento sustentável e gestão na Universidade Columbia, Director da rede de soluções para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas e autor de "O fim da pobreza"

Quase 100 dias depois do presidente Donald Trump assumir o governo, ele e o seu secretário de estado do comércio, Wilbur Ross, continuam a cometer uma falácia económica que os estudantes de economia no primeiro ano aprendem a evitar. Eles defendem que o défice da conta corrente (ou défice comercial), que é, na verdade, o resultado da baixa e quedante taxa de poupança, é um indicador de práticas comerciais injustas por parte da Alemanha e da China, dois países que gozam de excedentes nas contas correntes. A aceitação do presidente e do seu responsável do comércio desta ignorância económica pode levar ao desastre.

O balanço da conta corrente, medindo o balanço comercial em bens, serviços, factor receita líquida, e pagamentos de transferências do exterior, é igual à poupança nacional menos o investimento doméstico. Isto não é teoria. É facto, salvo no caso de discrepância estatística entre produto interno bruto (PIB) e rendimento nacional bruto (RNB). É facto quer se seja liberal ou conservador, populista ou convencional. Nem Trump, com toda a sua capacidade de negociação, pode mudar isso. No entanto, ele ameaça guerra comercial por causa de défices que refletem o desequilíbrio de investimento em poupança da própria América.

Um país opera em défice da conta corrente se o investimento exceder a poupança nacional, e em excedente comercial quando o investimento é inferior à poupança nacional. Num país com uma conta corrente equilibrada, pode surgir défice se a taxa de investimento aumentar, se a taxa de poupança decrescer ou se ocorrer uma combinação dos dois.

Vamos supor que os EUA está a comercializar com países que man-



Angela Merkel, chanceler alemã, e Donald Trump, presidente dos EUA

têm políticas proteccionistas. Se estes países liberalizarem os seus regimes comerciais, vão tendencialmente importar mais bens dos EUA que vão competir com as suas próprias indústrias. A dimensão dos seus sectores importadores vai reduzir, libertando trabalhadores e capital para aumentar o output em sectores exportadores. À medida que as exportações aumentam, aumenta a receita em divisa que paga pela conta mais elevada da importação.

Suponha-se, inversamente, que os EUA impõem novas barreiras à importação em resposta ao seu défice da conta corrente. Estas barreiras iriam puxar trabalhadores e capital dos sectores de exportação para os sectores que competem com a importação, o que iria deixar o balanço comercial mais ou menos inalterado, enquanto o rendimento nacional e a qualidade de vida baixariam. O défice comercial poderia cair se as barreiras à importação assumissem a forma de impostos comerciais que baixassem o défice orçamental (e assim aumentassem a poupança gover-

namental), mas esse efeito iria funcionar devido ao orçamento, não à política comercial "per se".

Não existe razão concreta para que uma redução de barreiras comerciais estrangeiras ou um aumento de barreiras comerciais dos EUA tenham qualquer efeitos de primeira ordem junto das taxas de poupança ou de investimento, e consequentemente na conta corrente americana. Para reduzir o défice da conta corrente, os EUA têm ou de poupar mais ou de investir menos na sua economia.

Não é difícil perceber porquê que os EUA opera défices crónicos de conta corrente. A taxa nacional de poupança – a soma da poupança privada com a poupança governamental ou pública, medida como parte do RNL – declinou marcadamente durante os últimos 30 anos. A maior parte do declínio na taxa de poupança dos EUA deve-se a um declínio na taxa de poupança governamental.

O governo nos Estados Unidos (federal, local e nacional) é um 'des-poupador' líquido, o que significa que os desembolsos correntes (para con-

sumo, taxas de juro da dívida pública e transferências) excedem os rendimentos, actualmente em cerca de 2% do RNL. Isto não é surpreendente. A maior parte do problema está a nível federal. Todos os presidentes desde Ronald Reagan prometeram cortes nos impostos para a classe média e afins, debilitando receitas e deixando o orçamento federal em défice crónico. O presidente democrático favorecem o suposto estímulo Keynesiano dos cortes aos impostos, enquanto os republicanos defendem os seus alegados efeitos do lado da oferta.

Tanto os partidos democrata como republicano são praticantes de populismo ao estilo americano: cortam repetidamente os impostos, aumentaram a dívida pública (que duplicaram de 35% do PIB em 2007 para 74% do PIB no fim de 2015), e geralmente encontram outros para culpar do fraco crescimento que se deve à baixas taxas de poupança e investimento. Agora é a vez da China e da Alemanha estarem no alvo dos líderes americanos.

Os desequilíbrios comerciais e orçamentais dos EUA poderão agudizar-se se Trump e os republicanos no congresso levarem a sua avante e cortarem ainda mais nos impostos federais. Esta política fiscal pode ser ruínoza, não obstante talvez de no curto prazo ser popular, até as facturas económicas começarem a vencer. Com um défice orçamental maior, o défice da conta corrente iria disparar também, tal como aconteceu quando os cortes aos impostos de Reagan expandiram o défice orçamental bruscamente no início dos anos 80. Podemos prever que o aumento do défice comercial iria levar a reclamações ainda mais estapafúrdias de Trump e seus oficiais sobre alegadas perfídias comerciais chinesas e alemãs.

Os americanos não se devem deixar enganar. O imperador vai nu, sem roupa importada ou doméstica; e, aparentemente também não tem conselheiros económicos competentes.

Tanto os partidos democrata como republicano são praticantes de populismo ao estilo americano: cortam repetidamente os impostos, aumentaram a dívida pública e geralmente encontram outros para culpar do fraco crescimento que se deve à baixas taxas de poupança e investimento. Agora é a vez da China e da Alemanha estarem no alvo dos líderes americanos.

Internacional

TRIBUNAL DE ITÁLIA ANALISA PROCESSO

Shell e ENI envolvidos em escândalo de corrupção na Nigéria



De acordo com a DW, os representantes da Shell e da ENI recusaram-se a falar sobre o assunto.



SUBORNO. Antigo presidente da Nigéria, Goodluck Jonathan, e seu ex-ministro do Petróleo são citados no alegado caso de corrupção, envolvendo mais de mil milhões de dólares.

Por Redacção

As petrolíferas Shell e a ENI estão sob suspeita por alegados subornos na Nigéria e na Itália, envolvendo ex-membros do governo nigeriano. A acusação está a ser apreciada por um tribunal de Milão, na Itália.

A organização ecologista e anti-corrupção do Reino Unido, Global Witness, divulgou 'e-mails' confidenciais que indiciam o pagamento de somas avultadas ao ex-

-ministro do Petróleo da Nigéria, Dan Etete, que já tinha sido condenado por branqueamento de capitais.

A informação está a causar embaraços à gigante do petróleo Shell, que, durante anos, negou ter conhecimento do caso. "Este caso está a ser investigado em seis países e há 119 milhões de dólares actualmente congelados no Reino Unido e na Suíça", afirma Barnaby Pace, da Global Witness.

O caso remonta a 2011, altura em que a Shell e a ENI transferiram 1,3 mil milhões de dólares para uma conta bancária do governo nigeriano. Com este pagamento, as empresas queriam garantir os direitos de exploração de um dos maiores campos de petróleo de África. Mas uma parte significa-

MEMORIZE

- **A organização ecologista e anti-corrupção do Reino Unido, Global Witness, divulgou e-mails confidenciais que indiciam o pagamento de somas avultadas ao ex-ministro do petróleo da Nigéria, Dan Etete, que já tinha sido condenado por branqueamento de capitais.**

119

Milhões de dólares estarão já congelados no Reino Unido e na Suíça.

tiva do dinheiro não foi parar aos cofres do Estado, mas sim à conta da empresa Malabu, controlada por Dan Etete, na altura, ministro do Petróleo nigeriano.

Segundo os procuradores italianos responsáveis pelo caso, Dan Etete foi obrigado a distribuir uma fracção substancial dos subornos por políticos de alta patente. Entre eles, Goodluck Jonathan, antigo presidente da Nigéria. De acordo com a DW, os representantes da Shell e da ENI recusaram-se a falar sobre o assunto, avançando apenas que "um inquérito independente encomendado pela ENI não encontrou factos que provassem que os funcionários da empresa estivessem envolvidos em negócios de corrupção".

No entanto, o activista Barnaly

Pace chama a atenção para as consequências para o povo nigeriano. "Cinco milhões de pessoas estão actualmente a passar fome neste país. E mais de mil milhões de dólares foram roubados aos nigerianos. Essa quantia é quase uma vez e meia mais dinheiro do que o que a ONU diz que é necessário para lidar com a crise actual no país", sublinha.

Barnaby Pace tem esperança que o processo judicial em Itália não seja fogo-de-vista, uma vez que os procuradores italianos foram particularmente cuidadosos na preparação do caso. "Este inquérito está a ser conduzido em Itália, onde julgamentos por crimes graves como este são mais comuns do que acordos e casos em que não há culpados", afirma o activista.

A ORGANIZAÇÃO dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) deverá prolongar os cortes na produção durante a segunda metade de 2017, anunciaram as autoridades sauditas.



UMA SÉRIE de tufões atingiram a Hokkaid, uma das maiores regiões de produção de batatas, no Japão, o que levou a uma escassez do produto naquele país.



MARROCOS DE OLHOS NA SADC

Realizada maratona de negócios

Ruanda, Tanzânia e Madagáscar foram palco da segunda edição do African Business Connect, um fórum de negócios, organizado pelo BMCE Bank of Africa e Maroc Export. Promover a coo-

peração e oportunidade de negócios entre Marrocos e os países da região SADC.

Foram realizadas várias reuniões para desenvolver o potencial de exportação e internacionalização das empresas marroquinas. “Queremos explorar oportunidades de parceria com operadores malgaches, a fim de apoiar iniciativas na área digital na qual somos

pioneiros”, afirmou o director de negócios da M2M Group, Hicham-Bendahir, referindo-se apenas ao evento em Madagáscar.

Já o director de exportações da Energy Transfo, Hafid Khedidj entende que “a importância desta missão é precisamente explorar novos mercados em que estamos presentes indirectamente, por meio de distribui-

dores europeus. São mercados que não conhecemos, face aos quais tínhamos muitas apreensões, tendo em conta, principalmente, a concorrência asiática.”

Os empresários marroquinos manifestaram a intenção de investir em sectores de crescimento, como a construção, novas tecnologias, energias e produtos farmacêuticos. Cerca de 80% dos operadores marroquinos estariam interessados em investir primeiro no Ruanda. Quanto à Tanzânia, são menos de 20%. O Madagáscar conquistou mais de 60% dos potenciais investidores marroquinos.

MOÇAMBIQUE

Produção de combustível inviável

A produção de gasóleo biológico (a partir de pinhão-bravo) deverá ser suspensa, em Moçambique, devido ao alto custo de produção, de acordo com o Ministério dos Recursos Minerais e Energia do país africano.

A plantação de pinhão-bravo para a produção de combustível chegou a ser há cerca de seis anos uma aposta do governo moçambicano para substituir a importação de combustíveis fósseis, dado que a planta existe em praticamente todo o país. Naquela altura, o barril de petróleo era vendido a mais de 130 dólares pelo que era economicamente viável produzir combustíveis líquidos a partir de espécies vegetais, segundo o director-adjunto de hidrocarboneto de Moçambique, Almirante Dima.

A obrigatoriedade de misturar combustíveis biológicos aos fósseis devia ter entrado em vigor em 2012, estando previsto que as gasoleiras misturassem 10% de etanol com 90% de gasolina e 3,0% de gasóleo biológico com 97% de gasóleo fóssil, percentagens estabelecidas tendo por base a capacidade instalada para a produção destes combustíveis.

GRÉCIA SURPREENDE

Orçamento supera previsão

Atenas atingiu um excedente primário de 3,9% no ano passado, quando o objectivo fixado pelos credores era de apenas 0,5%. Excluindo o pagamento de juros da dívida pública, a Grécia fechou o ano de 2016 com um excedente orçamental equivalente a 3,9% do PIB, superando as metas fixadas pelos credores, que pediam a Atenas um excedente primário de 0,5%. Estes resultados, alcançados à custa de uma subida da receita pública e cortes na despesa, causam, porém, alguma desconfiança ao Fundo Monetário Internacional (FMI) que já admitiu como provável que pelo menos metade do excedente primário tenha resul-

tado de medidas temporárias e não de reformas estruturais com impacto a longo prazo.

A verdade é que os números mostram que o Governo apertou o cinto no final do ano passado, reduzindo a despesa de 95,2 mil milhões de euros para 86,1 mil milhões. O FMI, que tem insistido em metas mais baixas para o excedente primário, referiu inclusive nas suas últimas previsões que o aumento temporário da receita deverá dissipar-se, empurrando este indicador para 1,8% este ano.

Apesar de o Governo do Syriza “comemorar” a inversão do rumo das finanças públicas, a economia grega voltou a contrair no final de 2016 e o desemprego não dá sinais de descida. Dados do gabinete estatístico de Atenas, o Elstat, mostram que a taxa de desemprego se manteve estável nos 23,5%, em Janeiro.



A economia portuguesa deve crescer 1,7% este ano.

FMI APONTA PARA 3,5% ESTE ANO

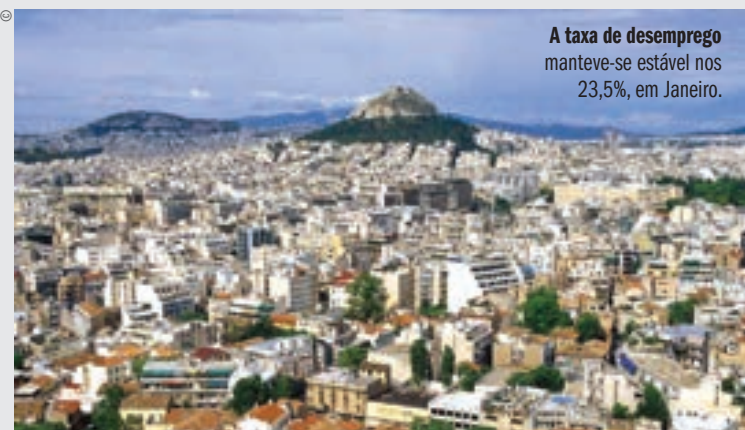
Economia mundial cresce

OFundo Monetário Internacional (FMI) subiu de novo as previsões de crescimento da economia mundial. A organização antecipa uma progressão de 3,5% este ano, uma décima acima do valor de Janeiro. Mas o FMI alerta para os riscos a médio prazo, tais como as tensões geopolíticas, as medidas protectionistas ou uma subida rápida das taxas de juro nos Estados Unidos.

“A melhoria vem, principalmente, das boas notícias económicas na Europa e na Ásia, mas também da previsão de um crescimento em alta dos EUA este ano”, adianta Maurice Obstfeld, director de pesquisa do FMI. Ainda nos EUA, as previsões mantêm-se inalteradas. O Produto Interno Bruto norte-americano deverá subir 2,3% este ano e 2,5% no próximo.

No caso do Reino Unido, o FMI adia novamente o cenário de desaceleração, previsto após a vitória do “sim” ao Brexit. A desaceleração deverá ocorrer em 2018. A economia britânica mostra-se resistente e graças ao consumo interno, deverá progredir 2% este ano. O segundo melhor desempenho de uma economia desenvolvida.

O Brexit e as eleições francesas são os grandes riscos que pesam sobre a zona euro. No entanto, no “World Economic Outlook”, o FMI prevê que a recuperação da união monetária continue graças à política do Banco Central Europeu e à desvalorização do euro. Para a zona euro, a organização subiu a previsão para 1,7% e manteve inalterada a previsão de 2018 nos 1,6%. A economia portuguesa deverá seguir a linha da zona euro e crescer 1,7% este ano, contra 1,1% esperado em Janeiro. Mas o FMI estima que a tendência é passageira.



A taxa de desemprego manteve-se estável nos 23,5%, em Janeiro.



Ambiente

Especialistas alertam que os efeitos desta poluição são preocupantes.



Mério Mujetes © VE

ARRASTADAS PELA CORRENTE DOS OCEANOS

Ártico com grandes quantidades de lixo plástico

POLUIÇÃO. Estudo conclui que grandes quantidades de resíduos plásticos provindos de pontos distantes são transportadas por uma corrente oceânica. Os cientistas continuam preocupados com os resultados da poluição sobre o ambiente.

O Ártico congrega enormes quantidades de plástico, lixo produzido em locais remotos e transportado por uma corrente do oceano, o que, segundo cientistas, acarreta graves consequências no ecossistema.

A pesquisa, divulgada na semana passada pela American Association for the Advancement of Science, comprovou que o plástico é abundante no mar da Gronelândia e norte da Escandinávia, apesar de as populações principais responsáveis por este tipo de lixo estarem distante.

Os pesquisadores, que fizeram uma recolha de plástico à superfície, estimam em centenas de toneladas a quantidade de plástico a flutuar no Ártico e consideram

que a quantidade de lixo concentrada no fundo será ainda maior.

O ‘caminho’ do plástico no Atlântico norte até ao oceano Ártico foi seguido através de uma rede de 17 mil bóias com sensores que transmitem dados via satélite e permitiram confirmar que a poluição segue para norte levada pela chamada ‘circulação termossalina’, uma vasta corrente conhecida como o ‘tapete rolante oceânico’ por ser responsável pela circulação de grandes massas

17

Bóias com sensores transmitem dados via satélite para confirmar a poluição no Ártico.

de água temperada para norte, ajustando o clima global e contribuindo para a oxigenação e distribuição de nutrientes nos oceanos.

Os investigadores referiram que, historicamente, os mares quase fechados, como o Mediterrâneo, registam um excesso de resíduos de plástico, mas não era expectável que estas acumulações fossem encontradas nas latitudes polares.

A proporção de plástico nas amostras recolhidas vem, assim, confirmar que os resíduos daquele material ‘viajaram de fontes distantes, incluindo das costas noroeste da Europa, do Reino Unido e da costa leste dos EUA’, algumas relacionadas com a actividade marítima.

Segundo os autores do trabalho, os efeitos potenciais desta poluição flutuante nos ecossistemas únicos do Ártico “são especialmente preocupantes”.

AQUECIMENTO GLOBAL

Rio no Canadá desapareceu em apenas quatro dias

O degelo rápido de um dos maiores glaciares no Canadá, na região de Yukón, fez com que o rio Slims desaparecesse em apenas quatro dias. O fenómeno foi provocado pelo desvio total do curso de água para um outro rio durante o final de Maio do ano passado, ainda que só tenha sido divulgado este mês.

Estima-se, no artigo científico, com 99,5% de certeza, que o derretimento do glaciário e a subsequente mudança de rumo do rio são atribuídos às alterações climáticas do nosso planeta.

Este fenómeno, em que as águas de um rio são redireccionadas para um novo curso, é conhecido como ‘pirataria fluvial’ (ou river piracy, em inglês). Apesar de os geólogos acreditarem que este fenómeno já tenha acontecido no passado, nunca tinha sido documentado e, sobretudo, nunca tinha acontecido de uma forma tão repentina. “Que saibamos, nunca ninguém tinha documentado isto nos dias de hoje”, disse um dos investigadores, Dan Shugar.

Anteriormente, o rio, que

atingia os 150 metros de largura, desaguava no rio Klwane, em direcção ao mar de Bering. Só que o degelo acelerado do glaciário de Kaskawulsh, durante a Primavera de 2016, fez com que as águas derretidas fossem redireccionadas para um outro rio, fazendo com que as águas acabem por desaguar perto do Golfo do Alasca, a milhares de quilómetros do destino original.

Em suma, as águas derretidas do glaciário não estavam a ser divididas entre os dois rios – como acontecia anteriormente – mas seguiam unicamente numa direcção. Em vez de as águas do rio fluírem para oeste, começaram a jorrar para o sul do país.

Foi uma equipa de cientistas que, durante anos, analisou o derretimento do glaciário que reparou no que estava a acontecer. “Fomos ao local para continuar a tirar medidas no rio Slims, mas encontramos o leito do rio mais ou menos seco”, conta ao The Guardian James Best, um geólogo da Universidade de Illinois e um dos autores do estudo. Perante a dificuldade em visualizar o que acontecia do outro lado do glaciário, a equipa de investigadores utilizou um helicóptero e drones para melhor entender o que estava a acontecer.



O fenómeno é conhecido como ‘pirataria fluvial’.

Educação & Tecnologia



NOVA VERSÃO

Google lança 'viagens guiadas'

O Google Earth lançou, na passada semana, uma nova versão que inclui 'visitas guiadas e interactivas' a diversos locais do planeta. O programa do Google que mostra a Terra em imagens aéreas e de satélite tem agora a função 'Voyager', em parceria com 'contadores de histórias, cientistas e organizações sem fins lucrativos'.

O Google Earth já está acessível pelo navegador Chrome. Smartphones Android. Dispositivos iOS e outros navegadores web vão ter o novo programa em breve. As visitas do Voyager incluem mais de 50 'viagens interactivas', que incluem a vida selvagem no Parque Nacional do Gombe, na Tanzânia, aos tesouros da cultura Maia, no México. O conteúdo, diz o Google, será actualizado semanalmente. A BBC Earth é um dos parceiros de conteúdo.

Além das visitas 'imersivas', também será possível visitar 20 mil lugares de todo o mundo com painéis de informações e factos sobre os locais. Eles também estarão acessíveis a partir do recuso 'estou com sorte', que envia o usuário a qualquer lugar do mundo.

A UNIDADE ESTÁ AVALIADA EM CERCA DE MEIO MILHÃO USD

Carros voadores começam a ser vendidos em 2018

AUTOMÓVEIS. Modelo funciona com gasolina comum.

É um carro que combina o aspecto desportivo com o de aeronave e pode ser guardado numa garagem.

A companhia Pal-V, da Holanda, anunciou, este mês, que vai começar a proceder à pré-venda de dois modelos

de carros voadores, os primeiros comerciais do tipo no mundo. As encomendas deste veículo inovador, com os modelos Liberty Pioneer Edition e Liberty Sport, começam a ser construídas ainda este ano e a estimativa é que os pedidos sejam entregues até ao final de 2018. Os veículos são destinados a uso pessoal e cumprem padrões e regulamentos europeus e americanos.

Os modelos da Pal-V (Personal Air and Land Vehicle, veículo pessoal aéreo e terrestre, em tradução livre do inglês) são um híbrido entre um carro desportivo de dois lugares e uma aeronave, as hélices ficam dobradas em cima do tecto.

A conversão entre as duas funções dura cerca de 10 minutos. Como automóvel, pode rodar a até 160 quilómetros por hora e tem autonomia de 1.300 quilómetros. Já nos ares, a velocidade máxima é de 180 quilómetros por hora, e pode cobrir uma distância de até 500 quilómetros.

A ideia do carro voador é que possa ser 'pilotado' por pessoas que tenham a mesma licença usada para aeronaves privadas, e o equipamento funciona com gasolina comum. Fechados, os modelos podem ser guardados dentro de uma garagem destinada a automóveis. Porém, ao contrário de um helicóptero, é preciso uma pista com tamanho mínimo de 180 metros para descolar e de

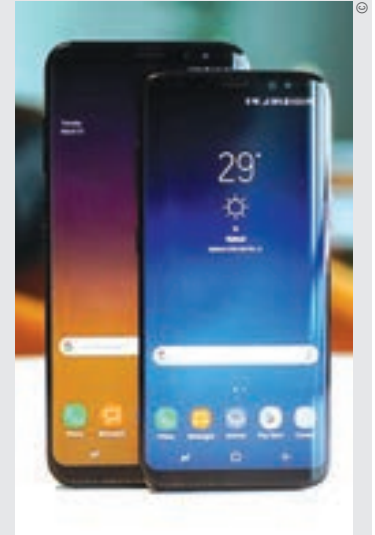


Os interessados devem depositar, inicialmente, de entre 10 mil e 26 mil dólares.

90 metros para pousar o veículo da Pal-V. Apesar da semelhança visual entre os dois equipamentos, o sistema de hélices funciona de maneira diferente.

O preço da versão Liberty Pioneer Edition, mais completa e mais

luxuosa, é de 481 mil dólares, sem taxas. E o Liberty Sport sai por pouco mais de 320 mil dólares. Os interessados em adquirir os primeiros modelos devem fazer um depósito inicial de 26.800 dólares e 10.720 dólares, respectivamente.



SAMSUNG

Novo Galaxy traz tela infinita

Dois novos modelos da linha principal de smartphones da Samsung, o Galaxy S8 e o Galaxy S8+, chegam oficialmente às lojas sul americanas a 12 de Maio a pouco mais de 1.500 dólares. A data de lançamento oficial em Angola ainda é desconhecida. Tecnicamente, apresentam um tela Super AMOLED de 5,8 polegadas no S8, e 6,2 polegadas no S8+, uma câmara dual de 12 megapixéis (traseira) e oito megapixéis (frontal). Tem uma memória: 4 GB de RAM e 64 GB de armazenamento interno.

Uma das maiores novidades do S8 e S8+ é a tela infinita. Os novos smartphones têm um design sem bordas que forma uma superfície lisa e contínua sem botões, com ângulos arredondados. Mal se pode notar onde a tela termina e o aparelho começa. As câmaras têm o mesmo sensor e lente do S7, lançado em 2016. A câmara frontal agora tem resolução de oito megapixéis e função auto-foco, com detecção de rosto, a maioria das câmaras frontais.

Já a câmara traseira tem resolução de 12 megapixéis e abertura F1.7, para melhores fotos em ambientes com pouca luz e paisagens com zoom e/ou movimento.

Marcas & Estilos

Belas-Artes

A série Petite Skull é a quarta oferta da sua icónica colecção. Para estes relógios excepcionais, a Fiona remete para as raízes das Belas-Artes, usando a técnica clássica de guilhochês como cinzel para esculpir mostradores de crânio radiante, instilando cada um dos seus relógios com o próprio carácter distinto.

Altos contrastes

Esta lente é ideal para desportos e fotografias de vida selvagem. O sistema óptico recém-projectado tem um elemento de fluorita e dois de vidro UD para obter alta resolução e alto contraste.

Passos lúcidos

As sapatilhas KAWS Air Jordan 4 apresenta uma parte superior de camurça 'Premium Cool Grey', que tem uma textura com aspecto único. Outros detalhes incluem abas de calcanhar co-marcadas, laços encerados e uma sola translúcida.

Sobre pés redondos

As sandálias Stelle McCartney de couro sintético dão aos seus dedos um formato redondo. Correias de fivela ajustável. Palmilha de camurça tonal. Entressola de plataforma coberta com couro em forma de estrela e tom de ouro.

'Know-how' exclusivo

A capa icónica de Louis Vuitton é a página em branco perfeita para expressar a unicidade da parte artística desta colecção de mestres. As linhas puras do Speedy histórico permitem uma expressão de refinamento e feminilidade através de 'know-how' exclusivo.

Sinuoso e confortável

Um triunfo de sinergia entre opostos. O sofá Paul Cocksedge's Compression é o tributo final de respeito à beleza e à natureza de diferentes materiais e a sua interacção. Uma placa lisa de mármore de Carrara é comprimida num bloco rectangular grande de espuma, o que lhe confere um aspecto sinuoso, flexivo e confortável.

TURISMO

Tundavala, naturalmente divina

Pode dizer-se, sem medo de errar, que a Fenda da Tundavala, na Huíla, é uma das mais vistas e mais bonitas que se pode encontrar em Angola, senão mesmo... no mundo. Trata-se de uma falha natural que, na verdade, acabou por ser divina, uma majestosa janela de tranquilidade que tira o fôlego, mas proporciona o bem-estar e a beleza de contemplar o abismo natural. O silêncio indescritível e as formações rochosas no caminho de acesso muito bonitas tornam a Tundavala num dos locais mais arrebatadores que algum dia terá o prazer de visitar.



AUTOMÓVEL

Subaru Impreza, a escolha familiar

O Subaru Impreza 2017 marca o quinto ano de independência do Impreza como um modelo único. A ideia da empresa, sempre cheia de personalidade nas escolhas, era focar no desenvolvimento de modelo mecanicamente eficiente, e excelente na condução.

Para isso, nunca fez questão de esconder a sua falta de foco num design chamativo. A nova geração, que chega com o Subaru Impreza 2017, e foi inicialmente apresentada

no Salão do Automóvel de Nova York, não é diferente.

Trata-se de um carro essencialmente racional – afinal, seria improvável apostar no aspecto visual como ponto forte. Nos pontos onde foca, no entanto, é bastante competente: o modelo possui excelente dirigibilidade. A racionalidade da escolha demonstra-se nos números elevados de vendas da perua, tipicamente associada a uma escolha para a família.



AGENDA

LUANDA

24 DE ABRIL

Recital de poesia 'Um dia depois do amanhã', com Ângelo Reis, o Poeta dos Pés Descalços, no Auditório Pepetela do Centro Cultural Português. A partir das 18 horas.

DE 24 A 29 DE ABRIL

Feira do Livro 'Um Livro Uma Aventura', na Academia BAI, com sessões de palestras. A partir das 9 horas.

27 DE ABRIL

Concerto do violonista francês Nicolas Krassik, Centro Cultural Brasil – Angola. Às 19 horas. Ingressos a partir de 1.000 kwanzas.

27 DE ABRIL

Memorial Showcase com Gabriel Tchiema, no Memorial Doutor Agostinho Neto. A partir das 19 horas.

29 DE ABRIL

Palestra sobre 'Show break dance e o movimento na dança', orientado pelos professores Luís Daio e Joaquim Roakim Trinta, na Casa das Artes de Luanda. A partir das 12 horas.

Na abertura do centro, como temas âncoras, a organização definiu que 2016 fosse o ano reservado à literatura. 2017 está reservado às artes cénicas (teatro, ópera, dança, circo e comédia), enquanto 2018 destinar-se-á à música.

CENTRO CULTURAL BRASIL/ANGOLA

Uma casa com cultura em dobro



Para o acesso, às vezes, paga-se uma pequena taxa de mil kwanzas.

CULTURA. Inaugurado em Setembro de 2015, através do ‘reaproveitamento’ das ruínas de um hotel abandonado, Centro Cultural Brasil/Angola destaca-se na oferta de cursos e actividades culturais em Luanda. Da música ao teatro, há iniciativas de acesso gratuito.

Por Onélio Santiago

Em todo o país, o Ministério da Cultura já classificou mais de 200 monumentos e sítios. Entre este registo, consta o Centro Cultural Brasil/Angola, inaugurado em Setembro de 2015. Localizado na baixa da capital, a instituição foi erguida nas instalações onde funcionava o antigo Grande Hotel Luanda, junto ao Museu de Antropologia, realizando eventos ligados à cultura brasileira, angolana e não só.

Na inauguração, há quase dois anos, o então embaixador do Brasil

em Angola, Norton de Andrade, tinha garantido que o centro deveria mostrar “o que tem de Angola no Brasil e de Brasil em Angola”, não excluindo, no entanto, a colaboração com outras nacionalidades: “Tudo o que for cultura boa tem lugar aqui.”

No entanto, embora o Brasil tenha um novo corpo diplomático em Angola, o seu centro cultural continua a ter os mesmos objectivos, a julgar pelas palavras do novo embaixador, Paulino Neto. “Esta aqui é a casa do Brasil em Angola. É a casa dos dois países em Luanda”, considera o diplomata, garantindo quem procurado manter “um trabalho intenso”, através de par-

cerias e apoios de entidades públicas e privadas, tanto brasileiras quanto angolanas.

O QUE ENCONTRAR

O Centro Cultural Brasil/Angola (CCBA) possui três salas de aulas, seis salas para oficinas (de costura e teatro, por exemplo), uma sala de exposição, um anfiteatro e uma biblioteca – de acesso gratuito – com mais de sete mil títulos. A realização de eventos também é gratuita, mas é necessário que se envie uma proposta à área cultural da embaixada do Brasil que, por sua vez, se encarrega de dar o ‘sim’ ou ‘não’, mediante a agenda de marcações e, nalguns casos, ao pagamento de uma pequena taxa (mil a dois mil kwanzas) para a manutenção e limpeza durante as actividades.

Na abertura do centro, como temas âncoras, a organização definiu que 2016 fosse o ano reservado à literatura. 2017 está reservado às artes cénicas (teatro, ópera, dança, circo e comédia), enquanto 2018 destinar-se-á à música. A definição dos temas, no entanto, não impede que se desenvolvam assun-

A realização de eventos no Centro Cultural Brasil/Angola também é gratuita, mas é necessário que se envie uma proposta à área cultural da embaixada do Brasil.

tos ligados às outras áreas. Por exemplo, na quarta-feira, começam as aulas do curso de Laboratório de Criatividade Literária com a professora brasileira Christiana de Caldas Brito. Um dia antes, na terça-feira, arrancam as aulas para o curso técnico de áudio para eventos – Operador de PA, que o CCBA realiza em colaboração com a Aliance Française de Luanda. As inscrições para estas duas formações já estão encerradas.

Na quinta-feira, 27 de Abril, entre às 19h30 e 21h00, o CCBA vai acolher o concerto de Nicolas Krassik, um violinista francês radicado no Brasil. E, a partir de 2 Maio, estarão abertas as inscrições para a Oficina de Teatro Popular, uma formação cujas aulas decorrem entre 8 e 12 de Maio, sendo ministradas pelo dramaturgo brasileiro Gil Novaes. Serão abertas duas turmas de doze alunos, com encontros diários de três horas de duração, pela manhã e à tarde, totalizando 12 horas de curso.

O CCBA não é, propriamente, a primeira representação cultural daquele país em Angola. No ‘São Paulo’, em Luanda, funcionou, de 2003 a meados de 2015, uma casa de cultura brasileira que oferecia curso de português na variante brasileira. A ‘casa’ organizava também o ‘Sopa de Letrinhas’ e o ‘Café literário’, iniciativas que foram retomadas logo na semana em que abriu o CCBA, em Setembro de 2015. Na altura, houve um debate que juntou, além especialistas estrangeiros, os angolanos Amélia da Lomba, Jomo Fortunato e Dionísio Rocha.

NÚMEROS DA SEMANA

50

Mil: número actual de trabalhadores e empresários chineses presentes em Angola, que representa um quarto do registado há quatro anos.

798,8

Milhões de dólares: montante de divisas que os bancos comerciais do país adquiriram junto do banco central, em Fevereiro.

20

Mil toneladas de milho é o valor estimado que a Zâmbia equaciona vender das suas reservas para Angola.

22

Milhões de euros: montante disponibilizado pela União Europeia para financiar o projecto Revitalização de Ensino Técnico e da Formação Profissional (RETFOP) em Angola, que visa promover o emprego sustentável.

PRODUÇÃO DE ENERGIA

Governo ‘convida’ americanos

A empresa norte-americana Dominovas Energy anunciou ter sido convidada pelo Governo angolano a construir e operar uma central de produção hidroeléctrica no noroeste do país, num investimento de 90 milhões de dólares. Segundo a Lusa, o projecto prevê a instalação de uma unidade com capacidade para produzir 18 megawatts (MW) de electricidade, através de financiamento internacional garantido pela própria Dominovas Energy.

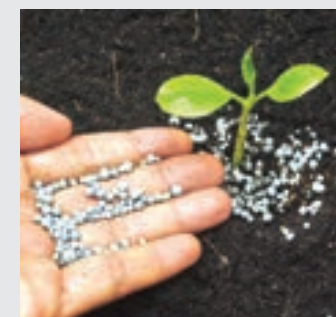
O anúncio não avança em concreto a localização da futura unidade ou forma de produção hidroeléctrica, mas que não será através de uma nova barragem, estando prevista a geração de mais de 150 milhões de quilowatts/hora (kWh) de electricidade por ano, recorrendo “às tecnologias hidráulicas mais avançadas, ecológicas e eficazes disponíveis para geração de energia sustentável”, a partir

de rios. Este projecto “vai começar a diluir o custo energético significativamente sobrecarregado”, refere a Dominovas Energy. O Governo tem vindo a aplicar uma estratégia de incremento da produção de energia eléctrica, com recurso a fontes renováveis, de forma a desactivar as pequenas e várias centrais a combustível.

O ministro da Energia e Águas,

João Baptista Borges, informou que, até 2025, mais de 20% da energia eléctrica produzida no país deverá resultar do aproveitamento do gás natural, através da instalação de centrais de ciclo combinado.

De acordo com o governante, o plano de desenvolvimento do sector eléctrico prevê, até 2025, elevar a capacidade de produção instalada a cerca de 9.000 MW.



EM MAIO

Fertilizante marroquino em Luanda

A primeira encomenda de fertilizantes de Marrocos deverá chegar a Angola durante o mês de Maio, ao abrigo do acordo para o fornecimento rubricado entre os dois países, segundo o ministro da Agricultura, Marcos Alexandre Nhunga.

O fornecimento, segundo a mesma informação, prevê a entrega de fertilizantes a Angola em quantidades não especificadas a preços mais baixos do que os valores praticados actualmente no país, que se explicam com as dificuldades de importação por falta de divisas. A execução deste acordo, no domínio da produção e exportação de fertilizantes, resulta da visita que o ministro da Agricultura realizou a Marrocos, no final de Março, para “analisar e discutir” um entendimento com as autoridades locais e com o Grupo Marroquino de Fosfatos (OCP).

Devido à crise, nos últimos meses, um saco de fertilizantes já chegou a custar em Angola, cerca de 200 dólares, quando na origem ronda os 15 dólares.

ACORDO ESTÁ A SER ANALISADO

Angola e Brasil ampliam vistos

O prazo de validade dos vistos entre Angola e o Brasil poderá ser alargado. As autoridades dos dois países estão a estudar os mecanismos para concretizar este deside-

rato, segundo o embaixador do Brasil em Angola, Paulino Neto.

O diplomata brasileiro avançou esta informação na sequência de uma visita da ministra angola-

na da Cultura, Carolina Cerqueira, ao Centro Cultural Brasil/Angola, no âmbito do Dia Internacional dos Monumentos e Sítios. Para Paulino Franco Neto, apesar de se tratar de um processo “árduo e lento”, a facilitação de vistos entre o Brasil e Angola e vice-versa “é uma das prioridades” para Angola.

“Queremos, cada vez mais, facilitar a ida de angolanos no Brasil e a vinda de brasileiros a Angola. E a melhor maneira de fazer isso é estender o prazo de validade dos vistos entre os dois países. É o que nós temos procurado fazer”, afirmou o embaixador brasileiro.



O VALOR ESTA SEMANA

IMPORTAÇÃO

Angola ‘barra’ clinker

O Governo proibiu a importação do clinker, principal matéria-prima para o fabrico do cimento Portland, indica um documento conjunto dos ministérios da Economia, Finanças, Indústria, Comércio e Construção. A medida visa acabar com a importação “desnecessária” desse produto que foi, até ao terceiro trimestre do ano passado, o mais importado. **Pág. 8**

EM QUATRO ANOS

BCI atinge primeiro milhão

O Banco de Comércio e Indústria (BCI) fechou o exercício financeiro de 2016 com lucros de 507,1 milhões de kwanzas, o primeiro milhão em quatro anos de perdas consecutivas, desde 2013, ano em que o banco deixou de declarar os lucros aos seus accionistas, incluindo o Estado que controla 91% da instituição. **Pág. 15**



TRANSPORTES PÚBLICOS

Macon chega a Cabinda

A MACON arranca, ainda este mês, a actividade de transportes públicos urbano, em Cabinda. Segundo fontes ligadas à operadora privada, a inauguração do serviço aguarda apenas pela disponibilidade de agenda da governadora da província, Aldina da Lomba Catembo, que deverá estar presente no dia do ‘corte da fita’. **Pág. 18**